



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

JÚLIA CALADO BRITO COSTA

MONALICE NOGUEIRA DA SILVA

**FAKE NEWS? UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE DOIS CASOS DE
DESINFORMAÇÃO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19 E
O APAGÃO NO AMAPÁ**

MACAPÁ-AP
2022

JÚLIA CALADO BRITO COSTA
MONALICE NOGUEIRA DA SILVA

**FAKE NEWS? UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE DOIS CASOS DE
DESINFORMAÇÃO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19 E
O APAGÃO NO AMAPÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Coordenação do Curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Vitor Giraldi Pires.

Macapá-AP
2022

JÚLIA CALADO BRITO COSTA
MONALICE NOGUEIRA DA SILVA

**FAKE NEWS? UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE DOIS CASOS DE
DESINFORMAÇÃO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19 E O APAGÃO NO
AMAPÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Jornalismo da
Universidade Federal do Amapá, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em
Jornalismo.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dr. Paulo Vitor Giraldi Pires
Orientador e Presidente da Banca Examinadora
Universidade Federal do Amapá

Profa. Me. Karollinne Levy Pontes de Aguiar
Avaliadora Externa

Profa. Me. Laiza Monik de Oliveira Mangas
Avaliadora Interna
Universidade Federal do Amapá

Macapá, 20 de novembro de 2022.

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho a Deus, nossos pais, familiares, amigos e a todas as pessoas que contribuíram de maneira direta ou indiretamente para a sua realização e conclusão do Curso de Jornalismo.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, que durante todo o caminho percorrido mostrou que estava ao nosso lado, nos dando força, coragem, ânimo e sabedoria para prosseguirmos na construção deste trabalho.

Aos nossos pais, Lourdes, Aldenor, Josely e Miltom, que não mediram esforços para nos manter dentro da universidade, mesmo com as adversidades que a vida proporcionou. Com certeza, foram nossos exemplos de perseverança, luta e força, se tornando nossa principal motivação para chegar ao fim do curso.

Aos nossos orientadores, professor Maurício e professor Paulo, que nos ajudaram a iniciar e concluir este trabalho. Os ensinamentos adquiridos durante a graduação foram extremamente importantes para nos tornar profissionais críticas e inovadoras dentro da profissão que escolhemos seguir.

Aos nossos irmãos, Diogo, Maísa e Cecília, e à irmã de coração Stephany, que nos motivam a sempre entregar o melhor que existe em nós, e sem dúvidas, torceram e acreditaram durante todo o processo da construção deste trabalho.

Aos nossos amigos, Deise Silva, Mônica Peixoto, Jamilly Canuto, Karla Santos, Diego Balieiro e Moira Magno, que sempre estiveram próximos durante toda a graduação, estudando junto, conquistando prêmios, contribuindo com livros, e sem dúvidas, apoiando e incentivando um ao outro a permanecer no sonho de se formar.

E não poderíamos deixar de registrar a gratidão que temos uma pela outra por termos trabalhado juntas nessa jornada. Foram momentos de alegria, choro, dor, emoção e muita conquista, e nos mantivemos firmes sempre apoiando uma à outra, dando suporte, ajudando e respeitando o tempo e a fase de cada uma. Fica aqui registrado nosso companheirismo, lealdade e amizade.

RESUMO

Este trabalho propõe analisar dois casos de falsas informações que receberam um alto número de compartilhamentos na internet. O primeiro caso ocorreu no auge do período pandêmico no ano de 2020, em que foram publicadas informações não oficiais de um possível lockdown que aconteceria no município de Macapá (AP). O segundo caso se refere à informação de que um grande estoque de sangue tinha sido perdido por falta de eletricidade no Instituto de Hematologia e Hemoterapia do Amapá (Hemoap), no período do apagão no estado do Amapá. Considerando esses fatos, esta pesquisa objetiva demonstrar como as informações falsas podem: a) desencadear acontecimentos negativos na sociedade; b) contribuir diretamente para a produção, para o entendimento errôneo e para compartilhamento de desinformação pelo público; c) demonstrar como o jornalismo amapaense trabalhou para esclarecer os casos. Além disso, objetiva-se analisar as práticas discursivas e jornalísticas, partindo do referencial teórico-metodológico da análise do discurso. Nesse sentido, aponta-se como problemática a seguinte questão: se as pessoas foram mantidas informadas constantemente em ambos os períodos, como e de que forma houve abertura para propagação de fake news? Considerando o cenário de pandemia e de apagão no estado do Amapá, o resultado obtido com esta monografia indica que a emergência vivida na área da saúde fez com que se criasse uma fragilidade na sociedade, gerando insegurança e ansiedade por falta de respostas a respeito do que estaria acontecendo no mundo. Assim, as manipulações midiáticas, veiculadas nos espaços digitais, principalmente na forma de textos repletos de distorções e hipérboles, despertaram emoções descontroladas na população, contribuindo para a sociedade desconhecer as noções do verdadeiro e do falso.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Fake News. Desinformação. Coronavírus. Apagão.

ABSTRACT

This work proposes to analyze two cases of false information that received a high number of shares on the internet. The first case occurred at the height of the pandemic period in 2020, when unofficial information about a possible lockdown that would take place in the municipality of Macapá (AP) was published. The second case refers to information that a large supply of blood had been lost due to lack of electricity at the Institute of Hematology and Hemotherapy of Amapá (Hemoap), during the blackout period in the state of Amapá. Considering these facts, this research aims to demonstrate how false information can: a) trigger negative events in society; b) contribute directly to the production, misunderstanding and sharing of misinformation by the public; c) demonstrate how Amapá journalism worked to clarify the cases. Furthermore, the objective is to analyze discursive and journalistic practices, starting from the theoretical-methodological framework of discourse analysis. In this sense, the following question is pointed out as problematic: if people were kept constantly informed in both periods, how and in what way was there an opening for the propagation of fake news? Considering the pandemic and blackout scenario in the state of Amapá, the result obtained with this monograph indicates that the emergency experienced in the health area created a fragility in society, generating insecurity and anxiety due to the lack of answers about what would be happening in the world. Thus, the media manipulations, conveyed in digital spaces, mainly in the form of texts full of distortions and hyperboles, aroused uncontrolled emotions in the population, contributing to society ignoring the notions of the true and the false.

Keywords: Discourse Analysis. Fake News. Disinformation. Coronavirus. Blackout.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1: Incêndio na subestação de energia em Macapá | 40 |
| Figura 2: Polícia civil realizando a inspeção na manhã seguinte do ocorrido..... | 41 |
| Figura 3: Fila do caixa de um supermercado local. | 42 |
| Figura 4: Momentos da manifestação que ocorreu em frente ao Palácio do Governo e se estendeu para outros pontos da cidade | 45 |
| Figura 5: Apresentador Luciano Huck relata o fato na rede social Twitter..... | 46 |
| Figura 6: Ação solidária feita em uma área de periferia em Macapá..... | 47 |
| Figura 7: “Notícia” falsa circulando em uma rede social..... | 51 |
| Figura 8: Publicação feita pela Prefeitura de Macapá em suas redes sociais..... | 53 |
| Figura 9: Publicação feita pelo governo do estado do Amapá em suas redes sociais..... | 54 |
| Figura 10: Publicação feita pelo governo do estado do Amapá em suas redes sociais, ampliada para leitura..... | 54 |
| Figura 11: Imagem da live produzida pela TV Equinócio | 55 |
| Figura 12: Print compartilhado no WhatsApp..... | 57 |
| Figura 13: Matéria publicada no site <i>Diário do Amapá</i> que afirma que não houve sangue perdido durante apagão | 60 |
| Figura 14: Segunda parte da matéria publicada no site <i>Diário do Amapá</i> | 60 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 10 |
| 2 JORNALISMO EM TEMPOS DE INFORMAÇÕES FALSAS..... | 14 |
| 2.1 Jornalismo e meio digital | 15 |
| 2.2 Fake news ou desinformação?..... | 24 |
| 2.3 Reconhecimento de uma notícia..... | 33 |
| 3 O CAOS DO CORONAVÍRUS E O APAGÃO NO AMAPÁ..... | 36 |
| 3.1 Covid-19 no Amapá..... | 37 |
| 3.2 O Amapá no escuro..... | 39 |
| 4 ANÁLISE | 47 |
| 4.1 Falso lockdown em Macapá | 48 |
| 4.2 O esgotamento de sangue no Hemoap | 54 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 62 |
| REFERÊNCIAS..... | 65 |

1 INTRODUÇÃO

Fake news: de onde surgiu esse termo que está tão presente em nosso meio? O que são? E quais consequências elas podem trazer para nossa sociedade? Há quem diga que as fake news são “notícias falsas” que são publicadas nas plataformas sociais e são compartilhadas em grande escala. No entanto, se as informações são falsas, como o próprio termo afirma, por que elas impactam tanto a vida e a realidade das pessoas? Por que o trabalho de checagem de veracidade das informações não consegue interromper a propagação desse tipo de conteúdo antes de ganhar fama?

Todos esses questionamentos só podem ser respondidos a partir de um estudo minucioso, com um olhar detalhado sobre esse fenômeno, e ainda, que possa compreender a diversidade que existe nas práticas comunicacionais que ampliaram os trabalhos jornalísticos em todas as formas de produção. Hoje, a facilidade em produzir conteúdo faz com que muitas pessoas possam ter acesso aos meios de comunicação, tanto para divulgar como para consumir conteúdos.

A desinformação no Brasil influencia fortemente a população. Segundo uma pesquisa realizada em 2018, pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), informações falsas têm 70% de chances de serem compartilhadas mais do que as notícias verdadeiras. Transformando em números, uma fake news pode chegar até 100 mil pessoas em um curto período de tempo, enquanto uma informação verídica alcança cerca de mil pessoas.

Nesse aspecto, percebemos que existem dois grandes responsáveis pelo aumento das desinformações: os produtores desse conteúdo e as pessoas que compartilham sem verificar qualquer resquício de veracidade. A internet, que é onde as falsas informações ganham mais espaço, tem se tornado uma ferramenta indispensável na vida das pessoas, e para alguns, é considerada uma fonte tão oficial como a TV e o rádio. Porém, esse detalhe demonstra um perigo. Um levantamento feito pela Reuters, em 2019, aponta que 53% dos brasileiros utilizam o WhatsApp como fonte de informação, uma grande diferença comparada ao Canadá (4%) e ao Reino Unido (9%).

Ao falarmos sobre fake news e desinformação, é necessário ter ciência de o quanto ambas estão próximas, mas ao mesmo tempo conseguem ter conceitos diferentes. E considerando esse ponto, trouxemos o seguinte debate para a pesquisa: fake news ou desinformação? Essa questão é abordada a partir de uma análise discursiva de dois casos de desinformação durante a pandemia da Covid-19 e o apagão no Amapá.

Apesar da fama, esse termo precisa ser debatido. Se um conteúdo ou um fato é falso, logo não é notícia. Ao afirmarmos que algo propagado nos meios digitais é fake news, colocamos em debate o trabalho dos jornalistas, que, conseqüentemente, estariam inventando informações falsas para a população.

Por isso, é importante reconhecer a diferença entre fake news e desinformação. De acordo com Brisola e Bezerra (2018), as fake news são informações fabricadas com características jornalísticas, com a intenção de enganar os leitores. Dessa maneira, precisamos reconhecer que o termo conhecido como desinformação, que mostra um outro lado, um conteúdo abordado que é existente. No entanto, as informações podem ser propositalmente distorcidas e propagadas fora de contexto.

Um dos estudos que defendem esse termo é de dois pesquisadores, Claire Wardle e Hossein Derakhshan (2017). Eles acreditam na ideia de que existe uma desordem na informação formada por má informação, desinformação e informação errada. Nesse sentido, a desinformação entraria no que as pessoas chamam de fake news: uma informação errada publicada conscientemente.

A era digital fez com que todos os acontecimentos que rodeiam o mundo pudessem ser mostrados em tempo real por qualquer pessoa que tivesse um smartphone com a capacidade de registrar. Isso fez com que pessoas de má índole criassem distorções em cima dos fatos que permeiam a sociedade, e com a falta de atenção de alguns, o compartilhamento se torna massivo nas redes sociais.

Um grande exemplo disso é a pandemia da Covid-19. O ano de 2020 pegou muitas pessoas de surpresa, e o jornalismo precisou mais do que nunca exercer seu papel: esclarecer os fatos de forma clara para que a sociedade pudesse se manter calma e informada. Infelizmente, o coronavírus abriu uma porta para uma produção em escala de desinformação relacionada ao tema.

Um levantamento feito pela Avaaz¹, em 2020, apontou que cerca de 110 milhões de brasileiros tiveram acesso e acreditaram em alguma fake news sobre a Covid-19. A pesquisa também mostra que as redes sociais, como WhatsApp e Facebook, lideram o ranking dos meios que mais disseminam falsas informações.

No estado do Amapá, a pandemia causou forte impacto na vida de toda a população, a sociedade amapaense precisou se adaptar a uma realidade nunca vivida antes, e assim como em todo o país, o estado não ficou isento das produções e compartilhamentos das desinformações. O novo coronavírus surpreendeu a todos com a sua complexidade, e o jornalismo durante o período crítico carregou uma grande responsabilidade.

Os jornalistas foram desafiados a exercer o seu papel social. Além do trabalho incansável de informar sobre as atualizações de contaminação e os avanços para combater a doença, os profissionais tiveram que dar uma atenção especial para desmentir falsas informações que causaram pânico e terror na população. Por isso, o presente estudo pretende analisar dois casos de desinformação que causaram fortes transtornos durante a pandemia, principalmente na capital, Macapá.

O primeiro deles foi uma informação publicada no Facebook, em uma página nomeada *Notícias AP*, sobre o início do lockdown dentro da cidade. Até aquele momento nenhuma fonte oficial havia declarado a veracidade dos fatos. No entanto, a grande quantidade de compartilhamento fez com que as pessoas acreditassem no possível fechamento de todos os setores do estado.

Com o medo da estagnação das atividades essenciais e não essenciais, o primeiro caso gerou pseudoacontecimentos. Parte da população viu a necessidade de estocar alimentos e também gasolina, já que existia a possibilidade de as pessoas serem “proibidas” de saírem das suas residências.

O segundo caso aconteceu quando treze dos dezesseis municípios do estado do Amapá foram atingidos por um apagão, provocado por um incêndio que atingiu três transformadores de uma subestação da capital, enquanto a população vivia a fragilidade e o desespero provocados pela pandemia da Covid-19. Esse fato mais uma vez gerou oportunidade de disseminar falsas informações. Com isso, surgiu uma fake news sobre um

¹ Disponível em: https://secure.avaaz.org/campaign/po/disinformation_briefing/ Avaaz - Rede para mobilização social global através da Internet.

suposto esgotamento de sangue no Instituto de Hematologia e Hemoterapia do Amapá (Hemoap).

No momento, as redes do WhatsApp e Instagram compartilhavam em massa que bolsas de sangue já tinham estragado devido à falta de energia. O trabalho jornalístico dobrou. Além de informar sobre os fatos que ocorriam na cidade, ele também precisou trabalhar para desmentir informações falsas que estavam sendo criadas e compartilhadas por desconhecidos nas redes sociais.

Esta pesquisa se torna extremamente relevante a partir do momento em que surge a necessidade de mostrar para a sociedade a existência das desinformações, e ressaltar a necessidade de não compartilhar um conteúdo sem verificar a veracidade das informações. Além disso, é necessário registrar e apresentar as consequências que as notícias falsas podem causar a toda uma população e a importância de ter um jornalismo competente e pronto para divulgar a verdade.

A partir dessas considerações, apresentamos o problema: se as pessoas foram mantidas informadas constantemente durante o caos da Covid-19 na saúde (no período de 19 de março a 7 de maio de 2020) e do apagão (ocorrido de 3 de a 24 de novembro de 2020) pelos meios de comunicação amapaense, como houve abertura para a propagação de fake news? E em paralelo a isso, se apresenta o seguinte questionamento: o jornalismo, como protagonista no período de caos vivido pela sociedade, exerceu de forma complementar e íntegra o esclarecimento de notícias falsas?

Considerando todo o contexto do cenário, apontamos a hipótese de que a situação de emergência na área da saúde em todo o mundo aflorou sentimentos de medo e pânico de maneira geral, contribuindo para a vulnerabilidade da população em não reconhecer o que são informações falsas. Isso que contribuiu para instalar uma certa antecedência de acontecimentos relacionados às fake news propagadas durante o período de pandemia e apagão na cidade de Macapá.

Para chegar a respostas relevantes sobre o problema, iremos realizar uma análise discursiva de dois casos de desinformação que foram propagados durante o período de caos em Macapá, apresentados anteriormente. Além disso, iremos discorrer como o jornalismo atuou para esclarecer e tranquilizar a sociedade para o que realmente estava acontecendo.

Para isso, este trabalho está dividido em três seções. Na primeira seção, “Jornalismo em tempos de informações falsas”, abordaremos as transformações que a profissão passou ao ingressar nos meios digitais, como a internet. Para mais, discutiremos o trabalho redobrado que os jornalistas tiveram para manter a sociedade informada em meio aos compartilhamentos de notícias falsas, destacando a postura ética durante a jornada de produção de conteúdo para o período de pandemia.

Na segunda seção, “O caos do coronavírus e o apagão no Amapá”, apresentaremos como o estado do Amapá foi afetado com o caos na saúde devido à Covid-19 e ao apagão que ocorreu no mesmo período, além de apresentar todas as consequências causadas na sociedade. Na terceira e última seção, intitulada “Análise”, concluiremos com uma análise dos discursos utilizados nos dois principais casos de fake news escolhidos para esta pesquisa.

Para realização desta monografia usaremos como referencial teórico os autores Mauro Wolf (1995, 2003, 2006), Nelson Sodré (1999) e Henry Jenkins (2008, 2009), que trabalham diretamente em suas obras a comunicação, suas teorias, produção, disseminação e também o comportamento das pessoas ao receberem diferentes tipos de informação.

Para obter os resultados, esta monografia irá fazer uma análise de discurso baseada no referencial teórico da autora Orlandi (2005), que aborda a metodologia para a refletir não só o discurso, mas analisa também o sujeito, a história, a ideologia e todo o contexto que engloba a produção de um discurso.

Na conclusão, mostraremos os resultados para incentivar a continuação da produção de pesquisas que abordem temas que estão presentes em nosso dia a dia e que afetam a sociedade de forma negativa, para assim incentivar a sociedade a buscar a veracidade dos fatos antes de compartilhá-los.

2 JORNALISMO EM TEMPOS DE INFORMAÇÕES FALSAS

O mundo vive em constante evolução, todos os dias a sociedade presencia uma nova tecnologia, um novo avanço científico e uma nova realidade, e isso automaticamente influencia a comunicação. Com os avanços, as pessoas passaram a buscar mais informações

sobre diversos assuntos. Com isso, o jornalismo precisa cada vez mais ser inserido dentro das plataformas digitais.

Com essa inserção, o trabalho jornalístico precisou lidar com uma forte e perigosa consequência: a produção de informações falsas. A facilidade de criação e publicação de informação fez com que pessoas sem qualquer profissionalismo pudessem contar um fato nas redes sociais, sem apurar sua veracidade, resultando em um alto número de compartilhamentos, gerando reações distintas em cada pessoa.

Diante dessa nova realidade, o jornalismo precisou o tempo todo estar atento aos fatos, mais do que nunca, para esclarecer a verdade, de forma apurada e íntegra. Além de informar, os jornalistas ainda precisam lidar com páginas que se passam por fontes oficiais e que veiculam diversas informações falsas, que levam muitos a acreditar e até mesmo a duvidar das notícias que o próprio jornalismo publica. Definitivamente, essa é uma grande dificuldade que todos os profissionais de comunicação enfrentam.

E diariamente, a profissão necessita explicar o que são as fake news e como elas podem trazer terríveis consequências para a sociedade. A grande prova disso foi a pandemia da Covid-19, em que muitas pessoas se deixaram levar pelas falsas informações publicadas, e o jornalismo se manteve presente para esclarecer os fatos vividos. Em tempos de desinformação, os meios jornalísticos lidam com as mudanças e oferecem um conteúdo seguro para a população.

2.1 Jornalismo e meio digital

O jornalismo passou por uma série de transformações para chegar até o momento da atualidade, em que se tornou possível ter o mundo na palma das mãos. A sua trajetória se inicia através da comunicação existente entre as pessoas desde sempre, a sua evolução está marcada em diversos momentos da história. Entre eles, a aparição dos primeiros traços jornalísticos reporta ao século XVII, em um jornal impresso, que tratava de assuntos de cunho religiosos, apresentando principalmente os fatos da época e depoimentos expressando a opinião.

No Brasil, os jornais impressos chegaram com a Coroa portuguesa em 1808, que iniciou um florescimento da cultura na história colonial. O primeiro jornal foi nomeado

Gazeta do Rio de Janeiro, sendo o primeiro periódico que começou a circular no país. Porém, já existiam outros que veiculavam informações de forma itinerante.

Desde 1778, por exemplo, a *Gazeta de Lisboa* circulava pela América portuguesa, inclusive no Rio de Janeiro [...]. Ou seja, havia jornais produzidos na Europa e normalmente recebidos no Brasil pelo menos desde o século XVIII (MELO, 2003, p. 116).

A partir desse momento, o jornalismo impresso foi a primeira atividade oficial da profissão, tendo como característica principal a periodicidade. Dessa forma, ele cresceu e conseguiu entrar nas residências, conquistando o seu espaço e a credibilidade do público, se tornando a principal maneira de ficar informado sobre o que ocorria nos lugares, sendo longe ou perto.

Com o passar dos anos, as mudanças foram acontecendo e com ela chegaram ferramentas para facilitar a produção e publicação de notícias. O que antes levava horas para ser produzido, passou a levar apenas minutos. Contudo, as transformações do período histórico resultaram também em uma nova tecnologia para a época: o rádio.

Esse formato, que transmite ondas sonoras, gerou otimismo e esperança para as pessoas, não por se tratar apenas de uma novidade, mas por existir uma forma única de levar informação para outros horizontes e assim atingir todas as camadas da sociedade, principalmente aquelas que não tinham alfabetização para ler um jornal.

O rádio é o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças; o consolador do enfermo; o guia dosãos, desde que o realizem com espírito altruísta e elevado (TAVARES, 1997 apud FERRARETTO, 2007, p. 97).

Com o rádio, as notícias produzidas não se restringiam apenas ao nacional, mas também ao internacional, os fatos podiam ser acompanhados de forma instantânea. Esse novo modelo de transmissão de informação marcou uma era, se tornando um forte influenciador nos quesitos de moda, beleza, culturas, modo de falar, entre outros.

Essa nova ferramenta se desenvolveu, cresceu, criou seu próprio método de informar, entreter e ensinar, conquistou o seu espaço e marcou a vida de muitas pessoas. Porém, o jornalismo impresso não perdeu o seu espaço, continuou sendo produzido, distribuído pelas ruas e vendido em bancas.

Com o decorrer dos anos, a tecnologia estava se tornando cada vez mais presente no cotidiano das pessoas, e assim, nos anos 1930 na Inglaterra houve a criação das televisões. Esse grande marco surpreendeu as pessoas e conseguiu atrair uma grande atenção. Infelizmente, os brasileiros só conseguiam ouvir falar dessa nova tecnologia, porque os primeiros registros desse meio de comunicação ocorreram somente a partir dos anos 1950.

Diante do rádio e do impresso, o jornalismo teve que passar por grandes mudanças, já que a TV se tornou “o meio de comunicação mais poderoso, influente e popular em todo o mundo. Através dele, podemos ser testemunhas oculares de qualquer acontecimento, a qualquer hora, em qualquer lugar” (OLIVEIRA, 2007, p. 13).

Por se tratar de algo complexo naquela época, as produções jornalísticas televisivas exigiam critérios como uma boa imagem pessoal, carisma, dicção e técnicas de linguagem, requisitos que até hoje são exigidos.

O novo jornalismo procurou mostrar particularidades e movimentos que normalmente o rádio e o impresso não conseguiam, surgindo assim conteúdos mais elaborados e detalhados. Com o avanço, a sociedade passou a fazer parte dessa produção jornalística, e conquistou o direito de opinar, testemunhar e contar histórias de vida.

Para Sodré (1999), até então, fazer parte da imprensa e dominá-la era ter nas mãos uma arma poderosa: a informação, e quem a usava tinha obtinha poder.

O controle dos meios de difusão de ideias e de informações – que se verifica ao longo do desenvolvimento da imprensa, como reflexo do desenvolvimento capitalista – é uma luta em que aparecem organizações e pessoas da mais diversa situação social, cultural e política, correspondendo a diferenças de interesses e aspirações. (SODRÉ, 1999, p. 1)

O autor expressa, justamente, o poder que as pessoas sociais, políticas e culturais inseridas nos meios de comunicação manifestam. Tudo que é visto, dito ou ouvido é depositado nesses indivíduos que carregam uma grande responsabilidade todos os dias, seja em informar ou influenciar. Quem está recebendo essas mensagens tem se tornado o principal condutor para as futuras ações, sejam elas positivas ou negativas.

E essa questão apresenta uma reflexão perceptível na realidade atual, com a chegada da internet a partir de 1981 no Brasil. Esse novo meio de comunicação tem dividido opiniões, porém não se pode negar que quem tem um aparelho eletrônico com conexão

carrega o mundo em suas mãos. O digital acompanha a realidade 24 horas por dia, não descansa, mas apresenta uma força silenciosa e inimaginável por muitos.

O jornalismo se move e se encontra nessa nova era do digital. Esse avanço proporciona a criação de novos caminhos para redistribuição do monopólio da informação, dividindo os espaços com os meios de comunicação de grande massa. A realidade demonstra que as ferramentas tecnológicas podem entregar com muita agilidade e rapidez o que a mídia tradicional não consegue. Em poucos segundos é possível ter em mãos as informações de qualquer fato ou acontecimento, independentemente do local.

A internet se tornou muito importante para a produção do trabalho jornalístico, e gradualmente começou a fazer parte da rotina profissional em todas as fases da construção de uma notícia. Henry Jenkins (2009) cita que esse processo de circulação de conteúdo representa “uma transformação cultural, à medida que os consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos” (p.29/30).

O fazer jornalístico na internet abriu um grande espaço para a facilidade de produzir conteúdos para todos os públicos, com uma variedade de temas, resultando na transmissão em diversas plataformas.

Com os avanços tecnológicos, foi possível observar que o mundo vive em constante mudança. O jornalismo se apresenta como peça fundamental, por sua capacidade de se modificar e se adequar a cada transformação proporcionada pela tecnologia, contribuindo diretamente para permanecer de maneira recorrente na vida da população.

Essas mudanças inicialmente pareciam ser uma ameaça para os meios de comunicação já existentes, considerando que eles ficariam para trás na velocidade das produções. No entanto, as revistas, a televisão e a rádio se adaptaram para essa nova realidade, que Henry Jenkins (2008, p. 30) chama de convergência midiática: “se o paradigma da revolução digital presumia que as novas mídias substituiriam as antigas, o emergente paradigma da convergência presume que novas e antigas mídias irão interagir de formas cada vez mais complexas”.

Essa interação pode ser citada de forma bem específica. Hoje uma programação de televisão não se limita apenas ao que é posto em canal aberto. Ao mesmo tempo, em que uma notícia está em um jornal, ela é publicada com antecedência em todas as redes sociais

do veículo de comunicação, postada em sites, até chegar nas telinhas; e ainda, os assuntos podem servir como ganchos específicos na produção de áudio como podcasts e programas de rádio.

Assim como acontece na rádio, é possível ver com frequência que a maioria das programações jornalísticas fazem lives simultâneas na internet, exibindo flashes de notícias em páginas do Facebook e Instagram. Já as revistas se tornaram digitais e podem ser levadas no celular para qualquer lugar; além disso, deixaram de ser periódicas, porém continuam apresentando informações sobre diversos assuntos. Para Jenkins, a convergência ajuda os meios de comunicação a alcançarem um maior público, recebendo assim um maior reconhecimento.

Por convergência refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. [...] No mundo da convergência das mídias, toda história importante é contada, toda marca é vendida e todo consumidor é cortejado por múltiplos suportes de mídia (JENKINS, 2008, p. 27).

O autor expressa o quanto a convergência contribuiu para o crescimento do mercado midiático. Nesse sentido, o jornalismo passou a estar em todos os lugares, expandido para fora da TV, como portais de notícias on-line e plataformas de streaming e digitais, contribuindo ativamente para a expansão da lucratividade e credibilidade dos canais de comunicação.

Além disso, essas produções não passaram apenas a fazer parte de um maior número de plataformas, elas também passaram a ser produzidas de forma muito mais rápida, diminuindo o tempo que o processo jornalístico escrito pede.

A escrita era o eco, sobre um plano cognitivo, da invenção sociotécnica do tempo delimitado e do estoque. A informática, ao contrário, faz parte do trabalho de reabsorção de um espaço-tempo social viscoso, de forte inércia, em proveito de uma reorganização permanente e em tempo real dos agenciamentos sociotécnicos: flexibilidade, fluxo tensionado, estoque zero, prazo zero (LÉVY, 1993, pp. 114-115).

O tempo e o espaço de criação de conteúdo se modificaram. Atualmente, o jornalismo que está inserido no meio digital pede uma outra postura, em que a alta demanda de produção noticiosa é a prioridade, havendo uma circulação constante de informação

sobre tudo que acontece no mundo. Com isso, os meios de comunicação buscam alcançar o ineditismo, focando no furo de reportagem.

Mesmo com esse esforço, a midiaticização e o fácil acesso ao consumo e à produção de informação fez com que o jornalismo tradicional perdesse essa exclusividade de veicular em primeira mão uma notícia, já que esses acontecimentos, em sua maioria, são transmitidos com uma grande rapidez pelas redes sociais, e a partir disso, os analógicos tiveram que dividir espaço com os portais, páginas, blogs e sites hospedados na internet.

E essa concorrência é acompanhada em tempo real pelos usuários, que por sua vez, ao mesmo tempo em que estão informados, precisam ficar atentos para as falsas informações que esse universo oferece. O efeito das falsas informações sobre os indivíduos pode alterar a percepção do real e levá-los a acreditar numa falsa realidade, existente apenas na dimensão do discurso e criada a partir da disseminação ostensiva de fake news. O ato de comunicação em que alguém fala e o outro escuta obedecendo cada palavra, sem nenhum filtro de crítica autônoma, pode alterar vidas e destinos.

Hoje os meios digitais demonstram o quanto a sociedade está conectada. Uma grande prova disso é o surgimento dos influenciadores digitais, que levam junto deles multidões que consomem seus conteúdos. De forma significativa, esses influenciadores já conseguiram ultrapassar grandes jornais brasileiros. Esse processo também favoreceu para que o próprio conteúdo jornalístico fosse mais debatido, considerando que muitos famosos levam determinados temas para serem conversados com seu público.

Jenkins (2008, p. 29), fala que dentro da convergência esses produtores e os consumidores de mídia não podem ser vistos como opostos, mas sim como “participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo”. Nesse sentido, podemos entender que o jornalismo passa a desempenhar uma nova responsabilidade diante da sociedade, que é checar ao máximo um fato que é colocado nas mídias, diminuindo possíveis erros de informação.

Um ponto importante a ser mencionado são os perigos que envolvem essa forte dependência das pessoas dos meios digitais. Lévy (2009) reflete sobre os impactos das tecnologias na construção da inteligência coletiva, em sua obra ele cita a mídia como “veneno e remédio da cibercultura”. O mesmo autor analisa, ainda, que a população está condicionada pela técnica e que existe uma relação correspondente onde um precisa do

outro, o produtor do consumidor e o consumidor do produtor de informações. No entanto, essa forte ligação pode direcionar as pessoas a uma produção em massa e um consumo sem estudos ou consultas da veracidade dos acontecimentos.

Essa dependência das mídias é percebida quando determinado grupo de pessoas fica sem acesso aos meios digitais. Um exemplo disso foi o apagão que ocorreu no Amapá. Durante os primeiros dias o único veículo de comunicação que transmitia informações era uma rádio; treze dos dezesseis municípios ficaram sem TV e internet por causa dessa situação. Ter a informação apenas por rádio fez com que as pessoas sentissem falta da visibilidade que os outros meios proporcionam. Ao entrar nessas interatividades distintas, Lévy (1993, p. 81) mostra como o ciberespaço atrai um maior número de pessoas pela sua imagem:

A comunicação por mundos virtuais é, portanto, em certo sentido, mais interativa que a comunicação telefônica, uma vez que implica, na mensagem, tanto a imagem da pessoa como a da situação, que são quase sempre aquilo que está em jogo na comunicação.

Durante a falta de energia elétrica, com o passar das horas o Amapá voltou a realizar um jornalismo considerado convencional. A rádio como fonte de informação garantiu que a população ficasse por dentro de todos os acontecimentos nas horas críticas. Com isso, é possível ver a importância do jornalismo tradicional, mesmo com a evolução dos meios digitais.

Hoje, mais do que nunca, o papel do jornalista se torna necessário diante da nova realidade vivida. O alto número de produções transmitidas pelas redes sociais e plataformas digitais faz com que a profissão precise realizar uma apuração minuciosa para que a sociedade seja informada de forma precisa e clara.

O fazer jornalístico deixou de se concentrar apenas nas mãos dos profissionais da comunicação, ele passou a aceitar a participação ativa da população em partes da produção de notícias. Essa atividade é conhecida como jornalismo colaborativo.

Para uma melhor compreensão, iremos fazer uma breve comparação sobre como a notícia era recebida antes, considerando uma teoria de comunicação, e como é agora na atualidade, com a técnica do jornalismo colaborativo.

O estudo das teorias de comunicação menciona muitas teorias. Entre elas existe a da bala mágica ou agulha hipodérmica, que se refere a todos os consumidores passivos que recebem uma informação de maneira igual e imediata, sem questionamentos.

Segundo Wolf (1995, p. 22), a massa é “constituída de um conjunto homogêneo de indivíduos [...], tem membros essencialmente iguais, indiferenciáveis, mesmo que provenham de ambientes diferentes, heterogêneos e de outros grupos sociais”. Com isso, o autor descreve a sociedade como pessoas iguais que não se importam uns com os outros, aceitando tudo da mesma forma, ou seja, a teoria afirma que uma informação é passada do emissor para o receptor em um caminho simples.

Ainda de acordo com Wolf, as características que constituem a teoria da agulha hipodérmica consistem na novidade que foi para a sociedade o surgimento da comunicação de massa, onde muitas pessoas teriam acesso a um conteúdo. Além disso, o período autoritário e totalitário que era vivenciado na época facilitava a aceitação de uma informação sem questionamentos. Porém, essa realidade foi aceita até por volta de 1990, quando houve a ascensão da internet.

O jornalismo colaborativo é o oposto da teoria. Os atuais receptores de informação estão inseridos nos meios digitais e isso faz com que eles possam opinar nas páginas de notícias, criticar conteúdos e vídeos e ainda postar em suas redes acontecimentos e informações do seu dia a dia, do que acontece na rua ou no bairro.

Isso faz com que os próprios profissionais dos meios de comunicação utilizem os conhecimentos e os trabalhos dessa massa, usando as imagens e informações fornecidas por esse público. Esse formato de produção impacta diretamente o trabalho jornalístico. Ter essa população sempre enviando e mostrando novos acontecimentos faz com que a produção de notícias seja mais rápida, contribuindo na facilidade para publicar e editar as notícias on-line.

Abrir um maior espaço para veiculação em meios distintos amplia o espaço para a interatividade, e isso faz com que o profissional tenha uma maior dedicação na verificação dos fatos. Isso é consequência da convergência midiática citada por Jenkins:

A convergência das mídias é mais do que apenas uma mudança tecnológica. A convergência altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos. A convergência altera a lógica

pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento. [...] A convergência não é algo que vai acontecer um dia, quando tivermos banda larga suficiente ou quando descobriremos a configuração correta dos aparelhos. Prontos ou não, já estamos vivendo numa cultura da convergência (JENKINS, 2009, p. 41).

Seguindo o pensamento do autor, podemos dizer que a técnica do jornalismo colaborativo vai além de ser apenas um jornalismo de rua, ele é uma prática onde o profissional aperfeiçoa sua comunicação com quem recebe as informações. Nele, há um processo maior de investigação com participação e engajamento da população diante das tecnologias.

No Amapá, é extremamente comum ver esse modelo de trabalho. Como o estado possui muitas comunidades, os programas e jornais sempre abrem espaço para que elas expressem os problemas que existem em suas localidades. Essas pessoas apresentam situações que muitas vezes a equipe de um jornal ou programa não consegue chegar a tempo ou simplesmente não pode estar em todos os lugares. No entanto, não podemos negar que sempre haverá pessoas que podem registrar e relatar os fatos ocorridos.

É perceptível a importância que o indivíduo passou a ter até mesmo nas sugestões de pautas a serem elaboradas. A internet como um todo abriu um caminho para diferentes nichos de produção, colaborando para um maior desenvolvimento de conteúdos.

E com essa grande acessibilidade e facilidade proporcionada pelo meio digital, é possível identificar que também foram abertos muitos espaços para os perigos da desinformação e da produção de notícias falsas, mais conhecidas como fake news. Com a utilização de palavras escandalosas que chamam a atenção de quem lê, isso acaba gerando um grande interesse por parte do público em querer ter acesso a todos os detalhes do acontecimento.

A forma com que o conteúdo passou a ser produzido segue muito a vontade do que as pessoas querem ver e não o que o jornalista tem que produzir seguindo todos os processos jornalísticos. Essa transformação ofereceu um grande ganho para a sociedade, ou deveria ser. O constante trabalho é voltado para evitar um único impasse: a desinformação.

2.2 Fake news ou desinformação?

O termo fake news é relativamente novo. Porém, é reconhecido facilmente por ser definido como publicações que recebem uma grande audiência nas redes sociais, apresentando informações falsas, e ainda, possuem um formato que se assemelha às técnicas jornalísticas e quase sempre não tem autoria. As palavras em inglês ganharam popularidade em 2016 nas eleições dos Estados Unidos da América, quando um jovem da Macedônia chegou a ganhar cerca de 16 mil dólares após escrever diversos artigos falsos sobre as eleições.

Brisola e Bezerra (2018, p. 3323) definem as fake news como:

[...] sinais distorcidos e desconectados da verdade, que dificultam a visão da verdade ou do estado verdadeiro do mundo. Artigos ou informações com características de notícias intencionalmente e verificadamente falsos, que possuem a intenção deliberada de enganar os leitores. São notícias fabricadas, com características jornalísticas, mas antecipadamente pensadas para a manipulação e descoladas da verdade.

Apesar do acontecimento ter sido uma porta para o reconhecimento sobre a existência das fake news, as falsas informações já fazem parte da sociedade há muito tempo. Se hoje uma notícia é espalhada ao mundo de maneira instantânea na internet, na antiguidade, mesmo sem qualquer ferramenta tecnológica, houve um político que cometeu suicídio por causa de falsas informações.

Por isso, é preciso colocar em debate, se uma notícia é considerada falsa, ela nunca foi uma notícia de fato, apenas é uma mentira, e dessa maneira, não pode ser considerada uma notícia real. Quem está realmente inserido no meio jornalístico e carrega consigo a ética profissional, o compromisso com a sociedade e, principalmente, a verdade, com certeza não produz falsas informações; pelo contrário, eles são os transmissores de fatos reais que são transformados em notícia; ademais, trabalham constantemente para esclarecer o que o público entende e aceita como fake news.

Por isso, no decorrer deste trabalho, o termo acima será bastante utilizado, não porque a dupla não se importe em destacar as diferenças, mas por hoje, dentro da sociedade, o termo notícia falsa ser bem melhor compreendido e entendido por quem não é do meio comunicacional. E mais do que nunca, este trabalho é uma tentativa de demonstrar o problema existente em meio ao tema, e a partir dele reconhecer as alternativas possíveis para combater a desinformação pelas falsas informações transmitidas e aceitas pela sociedade.

Mas antes de se aprofundar nesse debate, é necessário reconhecer outro termo que passou a ganhar uma grande visibilidade quando se fala em fake news, chamado desinformação, que também estará muito presente nas próximas páginas.

A desinformação, que é muito destacada, nada mais é do que as manifestações de pessoas que não possuem o conhecimento teórico-prático do jornalismo. Apenas escolheu para si a intenção de causar discórdia, rumores e promover o sensacionalismo, no desejo de ganhar notoriedade e, claro, recursos financeiros.

A desinformação, apesar de estar ligada à produção de informações falsas, não se limita a isso, mas abrange as interpretações, a descontextualização e as conexões falsas na descrição dos fatos. Normalmente é uma visão bastante presente nas redes sociais, empregando a opiniões de terceiros, que são erroneamente entendidas como informação.

A partir disso, é necessário entrar em debate para compreender o trabalho do jornalista e como ele está sendo visto pela sociedade, porque quem produz uma notícia falsa não é jornalista, mas pessoas sem nenhum tipo de experiência que se aproveitam da liberdade que as redes sociais oferecem para se tornarem precursores do fato que está acontecendo.

Wolton (2011) argumenta que as informações expostas não oferecem mais diversidade, e nesse momento, a abundância de informação não significa mais verdade. Ele relata que cada vez mais pode haver informação, e em uma grande frequência sendo até idênticas, elevando a intolerância e a desinformação. Wolton já afirma que boatos, notícias manipuladas e informações sem confirmação não são incomuns, já que qualquer usuário de internet é capaz de criar e compartilhar informações da maneira que for mais confortável, sobre acontecimentos, enfermidades, pessoas, empresas, entre muitos outros.

Uma pesquisa realizada por Aral, Roy e Vosoughi (2017) divulgou que nas plataformas do Twitter e Facebook, as notícias falsas são transmitidas com mais rapidez, de forma mais ampla do que as informações verdadeiras, tendo 70% de probabilidade de serem compartilhadas. Além disso, existe a possibilidade da criação de robôs, os famosos bots, criados com o intuito de disseminar a desinformação; porém, os seres humanos são os principais culpados por darem evidência às fake news.

Quando se fala em jornalismo digital, é instantâneo pensar em uma característica negativa que surgiu juntamente com a evolução da comunicação: o mal das “notícias” falsas. Junto ao jornalismo digital surgiu o trabalho de estar constantemente combatendo

esse tipo de ação. Mais conhecida como fake news, normalmente essas “notícias” conseguem alcançar muitas pessoas em poucas horas.

Esse tipo de informação consiste na transmissão descontrolada de desinformação via televisiva, rádio e principalmente nas redes sociais. O conteúdo falso é escrito e publicado com a intenção de enganar, de ter ganhos financeiros ou políticos, na maioria das vezes contendo manchetes sensacionalistas, distorcendo o texto para chamar a atenção (SILVA; COSTA, 2019, p. 60).

O jornalismo agora abre um leque de oportunidades para exercer a principal função da profissão: informar. Nos quatro cantos do mundo é possível encontrar inúmeros meios de comunicação. Porém, o grande ponto do jornalismo digital são suas particularidades: o fazer e o pensar diferente. O sensacionalismo para muitos é uma saída fácil para obter um alto número de visualizações. Utilizando desse artifício, muitas pessoas acabam sendo vítimas em meio às mentiras.

O sensacionalismo e o apelo sobre curas milagrosas fazem com que usuários da web e pacientes sejam fisgados por sites com objetivos às vezes puramente comerciais, e que nada tem a oferecer de fato a resolver problemas de seus visitantes. O problema do compartilhamento desenfreado de informações por leigos, e aqui se destacam como “cúmplices” redes sociais como por exemplo Facebook e Twitter, que são utilizados por seus usuários para irradiarem “pesquisas”, boatos, “soluções” sobre problemas de saúde sem nenhuma comprovação científica, fazendo com que muitos indivíduos que as leem acabem por terem seus problemas amplificados (SILVA; LUCE; SILVA FILHO, 2017, p. 7).

As redes sociais estão sendo o lugar principal para que as redes de notícias falsas sejam produzidas e compartilhadas em grande quantidade, muitos nem sequer leem as notícias por completo, se dão por satisfeitos ao ler uma manchete que reafirma seu ideal.

É necessário considerar que os mesmos que caem em “notícias” falsas podem ser culpados por se deixarem cair em uma cilada que facilmente poderia ser evitada. Contudo, existe uma discussão muito maior que gira em torno desse assunto, refletindo principalmente sobre a necessidade de existir uma reconstrução que deve ser considerada por parte do público para reavaliar a sua forma de consumir um conteúdo digital.

Com o decorrer do tempo e com o avanço dos meios digitais, está cada vez mais fácil para as pessoas acessarem diversos conteúdos sem verificar suas reais procedências. A necessidade da sociedade de sempre estar conectada faz com que elas compartilhem um maior número de informações de qualquer meio que produz um conteúdo “em primeira mão”.

No entanto, a busca pelo ineditismo continua abrindo portas para as produções de fake news. Normalmente essa elaboração vem de pessoas que faltam com o respeito e a ética que é exigida na produção de informações.

O jornalismo no meio dessa realidade necessita de uma maior atenção na apuração dos fatos para esclarecer e passar a verdade para a população.

A ética por vezes passa despercebida, entretendo; ela carrega uma grande importância; por isso, é constantemente lembrada para se tornar cada vez mais presente. Cortella (2009) ressalta que a ética é a fronteira para a convivência, é a perspectiva de princípios e valores para orientar uma conduta.

Mas, ao falar sobre ética é necessário citar o que é a moral, por ambas estarem sempre uma ao lado da outra. Para Alsina e Silva (2018), a moral corresponde a um conjunto de normas aceitas livremente por uma sociedade, sem a necessidade de impor leis ou regulamentações, as normas estabelecidas regem o comportamento individual.

O jornalismo enxergou a necessidade de estabelecer um conjunto de deveres e normas para direcionar aos profissionais jornalistas. Em outras palavras, esse código também é conhecido como deontologia, que contém princípios éticos da profissão.

No fim da Primeira Guerra Mundial, surgiram os primeiros relatos sobre uma devida preocupação com a atuação dos jornalistas. Por isso, se deu a criação do Código de Ética dos Jornalistas. De acordo com Cornu (1994), houve a necessidade de definir e consolidar melhores condições trabalhistas aos profissionais e as regras no ato de exercer a profissão.

Então no Brasil, “o primeiro código de ética [...] vai surgir em fevereiro de 1949, motivado pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) – fundada em 1946 – e aprovado no terceiro Congresso Nacional da categoria em Salvador” (CHRISTOFOLETTI, 2007, pp. 220-221). Ainda segundo Christofolletti (2007), havia a preocupação com o emprego de termos dúbios pelo jornalista, o que poderia induzir o leitor ao erro e à desinformação.

Dessa forma, os jornalistas tiveram que se encaixar naquilo que compreendem sobre o que é a ética dentro da profissão. O momento mudou e as exigências foram apresentadas e enumeradas, tudo para que um bom trabalho fosse realizado e levado à sociedade, dando a liberdade a cada jornalista de escolher como iria exercer o seu trabalho.

Como sabemos, a principal arma que o jornalista possui é a verdade. Mas como é construir e desenvolver trabalhos em que tais princípios estejam presentes? O próprio jornalismo apresenta à sociedade inúmeros produtos impressos, telejornalísticos, radiofônicos, digitais, e com eles, formas para apresentar as suas verdades, sendo elas através de testemunhos, de relato de fontes oficiais, em documentos ou pesquisas. No fim, é esperado que os meios alcancem tal verdade de forma íntegra.

Mas o jornalista ainda vive um impasse quando tratamos da ética e da profissão no mesmo caminho. Às vezes, ser ético não condiz com as intenções dos meios trabalhistas, afinal, é importante questionar: os interesses particulares podem ditar o que o jornalismo produz e de que forma? Isso não fere a ética anteriormente citada?

O poder da informação chega para quase todos e em todos os meios possíveis. Porém, assim como ela consiste em inúmeras formas de verdade, é possível enxergá-la como uma porta de interesse para aqueles que deturpam o valor da ética. Na visão de Alsina e Silva (2018, p. 732) esse interesse pode interferir da seguinte forma:

A informação que oferece não deve (ou deveria) ser captada e adaptada somente para se enquadrar nos limites espaciais e temporais dos meios. Ou, ainda motivada somente por interesses de grupos políticos, econômicos, apesar de ser essa uma realidade dura, passível de debate e resistência. E a ética do jornalismo permite uma luta constante contra essas pressões que usam a credibilidade e o contrato fiduciário do jornalismo para favorecimento de grupos na sociedade.

O jornalismo e os profissionais que o compõem enfrentam um grande conflito quando se trata de informar e, ao mesmo tempo, integrar a ética à sua função social. Tudo porque existe um grande jogo de interesse ao redor das notícias que cercam uma determinada região ou veículo jornalístico.

Não é para tanto que o assunto é quase nada debatido ou conversado, justamente pela possibilidade de o assunto abrir “brechas” para descoberta de inúmeros problemas que podem comprometer pessoas, órgãos, instituições, entre outros. Mas resumindo, pode também comprometer o seu lugar dentro de uma empresa.

No caso dos jornalistas, o profissional vê-se, muitas vezes, diante do problema da dupla fidelidade: à sua consciência (ou ao seu esquema de valores e crenças) e ao veículo com que trabalha. Pode acontecer uma tensão irreconciliável, obrigando-o a tomar uma decisão que, muitas vezes, pode custar-lhe o emprego (GOMES, 2006, p. 1).

O que resta para a sociedade é depositar sua confiança e também se manter constantemente atenta sobre os principais acontecimentos do mundo. Dessa forma, a probabilidade de ser enganado ou manipulado diminui. Porém, é preciso compreender que o jornalismo é uma profissão mutável, mas sempre procura realizar uma função com maestria: informar prezando os valores fundamentais defendidos pela ética.

E com o passar dos anos, o jornalismo se viu em uma constante transformação devido à evolução das redes e das tecnologias, com ela também foi desenvolvida uma crise ética, enfrentada até agora. Gomes (2006) acredita que esse tempo crítico está ligado diretamente com as grandes, profundas e aceleradas transformações, tanto no sentido estrutural quanto do próprio ambiente. Além disso, o autor ressalta que o pluralismo vivido, antes desconhecido, nos coloca num estado de insegurança e de confusão, as perguntas são maiores e mais profundas que as respostas.

Assim como as grandes mudanças do jornalismo, a ética também teve a sua contribuição. A alta cobrança na realização de um bom trabalho está inteiramente conectada à expansão dos canais através das novas plataformas digitais. Atualmente a profissão se vê em constante aprovação dos meios e do público.

Não é mais segredo que a forma de fazer jornalismo através das novas tecnologias é algo inovador e que ainda está em fase de descobrimento. Mas como a ética fica em meio a tudo isso? É preciso visualizar o macro da situação para entender o contexto. Atualmente ninguém possui o poder para ditar e controlar o que é produzido, publicado e propagado.

Em meio a isso, a ética se mostra nos detalhes e nas formas de realizar um trabalho com consciência, responsabilidade e verdade. Já não é mais aceito somente a boa intenção e a vontade, é preciso se interessar, checar e se possível conhecer o profissional e os princípios que o mesmo defende em suas produções. A partir disso, é possível considerar que o direito da informação está sendo muito bem desenvolvido e apresentando tais como eles são para a sociedade.

Segundo Corrêa (2001), o direito à informação e o dever de informar são princípios essenciais e precisam estar presentes em todas as reflexões, nos diferentes códigos de ética da profissão. E a autora ainda destaca que o profissional deve ter acesso à informação para cumprir o seu papel intrínseco de mediação social: o dever de informar.

O próprio Código de Ética da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), no capítulo I (2007), diz:

Art. 1º O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros tem como base o direito fundamental do cidadão à informação, que abrange seu o direito de informar, de ser informado e de ter acesso à informação.

Art. 2º Como o acesso à informação de relevante interesse público é um direito fundamental, os jornalistas não podem admitir que ele seja impedido por nenhum tipo de interesse, razão por que:

I – a divulgação da informação precisa e correta é dever dos meios de comunicação e deve ser cumprida independentemente de sua natureza jurídica – se pública, estatal ou privada – e da linha política de seus proprietários e/ou diretores.

II – a produção e a divulgação da informação devem se pautar pela veracidade dos fatos e ter por finalidade o interesse público;

III – a liberdade de imprensa, direito e pressuposto do exercício do jornalismo, implica compromisso com a responsabilidade social inerente à profissão;

IV – a prestação de informações pelas organizações públicas e privadas, incluindo as não-governamentais, é uma obrigação social.

Os critérios acima citados destacam a importância de veicular e produzir informações que condizem com a verdade, sem segundas intenções atreladas ao interesse econômico.

Hoje o profissional precisa aprender a lidar com boatos, “furos” precipitados, falsos, questões referentes à linguagem jornalística empregada nos textos e às notícias que podem deturpar o resultado final esperado: levar a informação com veracidade e seguindo os princípios da ética até a sociedade.

No atual cenário, a velocidade que a internet proporciona é o que causa o desespero no consumo de notícias. A sociedade não consegue esperar todo o processo de apuração que é exercido pelos jornalistas para poder veicular uma informação, então os produtores de conteúdos sem o devido profissionalismo pegam partes dos fatos e deduzem as possíveis consequências e acontecimentos, e aí surge o compartilhamento de informações falsas, que logo são encaradas como notícia.

Segundo Filho (2018, p. 42), “pode-se argumentar, e com razão, que a novidade não está nas fake news em si, mas na aparição de um instrumento capaz de reproduzi-las e disseminá-las com amplitude e velocidade inauditas”. É justamente isso que faz com que cada dia mais o consumo de desinformações se torne maior no mundo.

As pessoas que produzem tais conteúdos acabam ficando isentas de punições por se esconderem atrás de anonimatos e codinomes. Em relação a isso, podemos ver como as fake news impactam o comportamento das pessoas diante das informações, tanto as que produzem como as que consomem.

Metade dos receptores de informação que realizam um consumo de conteúdo mais consciente já está mais bem preparada para esse universo virtual. Esses receptores, ao se depararem com informações imprecisas em plataformas não confiáveis, já de cara desconfiam, justamente por não terem certeza se é verdade ou não. Logo, aguardam a confirmação de fontes oficiais. Atualmente, os meios digitais trabalham para que cada vez mais possam existir ferramentas que auxiliem as pessoas a identificarem as notícias que possam conter informações falsas.

No entanto, existe uma outra parte da sociedade que não tem vontade em checar a veracidade dos fatos e passam a consumir e compartilhar aquilo que desejam acreditar, seja por causa das suas crenças, seus ideais ou seus desejos. E se uma falsa informação sacia esses sentimentos, a pessoa passa a ter um comportamento ligado ao conteúdo, e esse consumo acaba cegando as pessoas para uma possível verdade. A partir disso, é possível considerar que se torna muito difícil desmentir os fatos, dando margem para as informações falsas ganharem mais espaço.

Essa atitude de compartilhamento sem checagem ganha força todos os dias, e essa crescente é resultante do processo de digitalização que o mundo passa. As ferramentas tecnológicas participam da chamada comunicação de informação. Francisco (2004) ressalta que a sociedade desinteressada caminha para se tornar uma sociedade desinformada:

Por mais que esteja armada por um poderoso arsenal de tecnologias de informação, uma sociedade que produz uma legião de analfabetos funcionais é uma sociedade da desinformação. Para que cumprissem as predições dos profetas da era virtual, as tecnologias da informação precisariam agregar valores éticos, educacionais, sociais, humanistas, culturais, artísticos e espirituais (FRANCISCO, 2004, p. 6).

Essa desinformação está se tornando cada vez mais presente no cotidiano das pessoas, por causa da falta de checagem com fontes confiáveis pela própria rede, e isso acaba fazendo com que as informações se tornem tendenciosas ou mentirosas, influenciado as pessoas a consumir “toda e qualquer informação que tiver contato, segundo suas estratégias particulares de interação na rede” (PRIMO, 2011, p. 141).

A mídia oferece uma facilidade aos seus internautas que nenhum outro meio conseguiu. A interação entre várias pessoas em diferentes regiões, seja em tempo real ou não, lhes possibilita a liberdade de expor o seu próprio discurso. Além disso, o rápido alcance permitiu a contestação em massa das notícias, sendo elas verdadeiras ou não, sendo que antes “o protesto limitava-se a telefonemas para a redação ou a cartas que a seção do leitor publicaria (ou não) no dia seguinte” (MORETZSOHN, 2007, p. 262).

E esse processo de desinformação atinge em cheio o trabalho jornalístico que é realizado por milhares de profissionais. Os canais jornalísticos comprometidos destacam a credibilidade como um dos seus valores principais, valor esse que mantém o relacionamento confiável com a população. As notícias falsas, por outro lado, abalam esse relacionamento de anos que é ligado à imagem histórica da profissão.

O jornalismo sempre foi marcado por valorizar a ética e a credibilidade na transmissão de notícias, carregando a missão de se tornar o representante dos direitos civis e valorizando a liberdade de expressão.

Para Sodré e Paiva (2012, p. 22), essa virtude faz parte da atividade jornalística:

Lastreia eticamente o pacto de credibilidade implícito na relação de entre os meios de comunicação e a sua comunidade receptora. Seja no jornalismo escrito ou eletrônico, o dever do jornalismo para com o público leitor é noticiar uma verdade, reconhecida como tal pelo senso comum, desde que enunciada corresponda a um fato, selecionado por regras hierárquicas de importância.

A relação entre o jornalismo e o público é ligada a essa virtude, justamente pelo público sempre esperar a verdade da profissão. Os autores delimitam o conceito como forma de “garantir não apenas a livre expressão, mas também a publicização da verdade oculta nos desvãos do poder” (SODRÉ; PAIVA, 2011, pp. 21-22). Compreendem, assim, que a imprensa é reconhecida como o oposto de qualquer rumor, sendo o “mediador confiável”, que apresenta a realidade dos fatos para a sociedade, independentemente de qualquer assunto.

E como qualquer relacionamento em que existem crises, as do jornalismo com o meio digital não seria inexistente, ela se tornou real nos últimos anos, e as fake news se tornaram uma das principais culpadas por essa adversidade. Devido à alta produção e

divulgação de falsas informações, a confiança do público foi quebrada, enfraquecendo a imagem da profissão, e conseqüentemente, abalando a credibilidade, fortalecendo a ideia de acreditar em qualquer informação que é vista de primeira.

Isso gera um impacto irreversível para o jornalismo na atualidade, já que situações como essas colocam a profissão em dúvida pelo público, comprometendo a produção jornalística dos meios de comunicação sérios e que levam em consideração a ética, o comprometimento e as técnicas da profissão durante a construção de uma notícia real.

Os jornalistas inseridos no meio digital procuram constantemente se guiar pela nova forma de noticiar os acontecimentos, mantendo sempre os critérios éticos que a profissão carrega. Apresentam, assim, uma produção checada e bem construída para o seu público, para, posteriormente, continuar conquistando o seu espaço todos os dias, guerreando lado a lado com as falsas notícias.

2.3 Reconhecimento de uma notícia

As fake news não seguem padrões, estrutura ou técnicas de produção. Normalmente, são construídas a partir de assuntos que estão em alta. O texto divulgado nas páginas da web sempre é tratado de forma chamativa, com palavras agressivas que atraem a atenção do leitor. Porém, ao decorrer da leitura é exposto um assunto diferente da manchete postada no destaque, mas essa estratégia não passa de uma artimanha para ganhar cliques e, por consequência, ganhar monetização.

Por uma análise rápida e simples, mas comparativa, as notícias falsas e reais possuem estruturas distintas: “artigos noticiosos são significativamente mais longos, e fake news usam linguajar menos técnico, palavras menores, menos pontuação, menos citações e mais redundância léxica” (ADALI; HORNE, 2017, p. 763, tradução nossa).

A produção de informações reais para o meio digital ganhou um novo modelo, que antes era formado somente por textos e poucas imagens. Hoje, a produção jornalística procura se reinventar utilizando mais imagens, vídeos bem produzidos, áudios e hiperlinks, tudo para alcançar novos leitores e manter o relacionamento ainda mais forte com o público já existente.

Dentro de uma estrutura de informativo digital existe uma série de fatores que controlam o que será pautado, produzido e vinculado. E a partir disso, uma equipe de pessoas trabalha para que tudo o que seja publicado, seja relevante e que realmente informe as pessoas.

Os critérios de noticiabilidade e valor-notícia são conceitos importantes que irão fazer toda diferença na hora de determinar se é ou não uma notícia relevante. Esses termos ajudam os produtores de informação a saber o que merece ser noticiado para um grande público, nesse caso, o universo digital.

A todo instante acontecem inúmeros acontecimentos. Porém, se todos fossem noticiados, não iria existir tempo e pessoas suficientes para repassar tudo e transformar em notícia. Nesse sentido, apenas os fatos com mais relevância são pautados. Isso não significa que as outras situações não mereçam ser pautadas, mas existe uma lista de pontos que servem para que os jornalistas verifiquem os critérios de noticiabilidade de cada acontecimento. Por isso, é importante conhecer o conceito do termo critério de noticiabilidade.

Os critérios de noticiabilidade tendem a ser usados quando querem fazer referência não só aos fatos como também às circunstâncias em que eles são percebidos e selecionados, envolvendo qualquer elemento que possa influenciar a veiculação de uma notícia (MOREIRA, 2006 apud SILVA; BELOCHIO, 2013, p. 38).

De acordo com Oliveira, Saar e Sheibe (2013), não existe uma definição única dos critérios de noticiabilidade, mas sim núcleos comuns de critérios entre a linha de pesquisa de alguns autores como Mário Elorbato, Nilson Lage, Mauro Wolf e Manuel Chaparro. As principais seriam: proximidade, interesse coletivo, desenvolvimento da notícia, ineditismo e atualidade.

E o valor-notícia é atribuído às notícias, que podem ser fatores como: impacto ou consequência; conflito ou controvérsia; sensacionalismo; novidade e raridade. Normalmente, esses valores são decisivos na hora de escolher quais os acontecimentos que serão transmitidos. Essa responsabilidade é destinada aos produtores dos meios digitais, eles irão julgar o valor daquela informação ao selecionar.

Wolf (2006) retrata sobre como os valores-notícias são abordados:

Os jornalistas têm à sua disposição dados e pesquisas sobre a composição, os hábitos e as capacidades do público a quem se dirigem, mas o conjunto desses conhecimentos não parece, de facto, incidir muito nos procedimentos produtivos nem ser muito apreciado. Os dados considerados mais significativos relacionam-se, provavelmente, com a compreensão, com a capacidade do público de fazer frente às dificuldades em compreender os termos usados nos noticiários: isso reforça, efectivamente, não só a necessidade de se ser claro e simples, mas também a imagem de pedagogo e de tutor que se atribui à profissão, o que representa, portanto, uma reafirmação da sua utilidade social (WOLF, 2006, p. 109).

Os termos abordados estão intimamente ligados um ao outro. É possível dizer que ao escolher uma notícia para pautar, os critérios de noticiabilidade e valor-notícia caminham lado a lado na decisão sobre sua produção, esses fatores irão contribuir para a construção de uma notícia clara e com a compreensão desejada, alcançando a meta de informar o público.

Como pode ser visto, construir e compartilhar notícias pode ser mais complicado do que parece, existe um processo para encontrar a notícia pronta e já circulando nos meios de comunicação. Porém, é perceptível que nem toda produção passa por técnicas como essas, as falsas informações encaradas como notícia são a prova de que nem toda informação é trabalhada e checada para passar a ser transmitida nas redes.

O jornalismo nesse novo formato carrega consigo um papel fundamental: exercer a profissão da forma mais coesa e clara, considerando os critérios de ética, veracidade e técnicas jornalísticas para levar às pessoas as informações como elas são, considerando todos os lados do fato e mostrando a imparcialidade do profissional diante do acontecimento.

A mídia sempre carregará a função principal de transmitir para o mundo o que ocorre em cada parte do planeta. Como já pudemos aprender, essa é uma das facilidades oferecidas pelo digital, ter o mundo nas mãos em poucos segundos, e carregar “um forte poder sobre a massa para construir debates, discussões e conflitos de ideias” (NOGUEIRA; CALADO, 2019, p. 67).

A tecnologia oferece espaço suficiente para que todos os dias sejam compartilhados ideias e pensamentos. A internet consegue fazer com que todos sejam vistos e ouvidos, e indiretamente a sociedade é preparada para lidar com a pluralidade de vozes existente nesse meio. Seja em plataformas, em portais, redes sociais, revistas eletrônicas e entre outros, sendo no formato jornalístico ou não, a forma de transmitir informações nunca irá parar de

crescer. Por isso, é preciso estimular a necessidade de checar, aprender e criar filtros para identificar a construção de informações mentirosas.

A população tem forte influência no poder de escolha e controle do que irá consumir, as notícias falsas só existem por falta de atenção. Então, estar cauteloso para identificar uma fake news pode ser a arma letal para combatê-la.

3 O CAOS DO CORONAVÍRUS E O APAGÃO NO AMAPÁ

A existência do novo coronavírus pegou o mundo de surpresa. A velocidade no aumento dos casos gerou medo e insegurança e o avanço para chegar em quase todos os países iniciou um estado de alerta para evitar uma maior propagação. Mas, o vírus chegou ao Brasil, e no país os trabalhos para que a doença pudesse ser contida foram incansáveis.

Apesar de muitas pessoas não acreditarem no perigo da Covid-19, as autoridades iniciaram os protocolos de segurança para evitar a proliferação. Mesmo com os alertas de cuidados, foi inevitável o registro do primeiro caso no Amapá, a contaminação foi de forma rápida e com casos graves. Para um local onde nunca existiu uma doença com sintomas tão pesados, foi necessário obter a ajuda de outros estados e até mesmo aumentar o número de profissionais da saúde para cuidar e evitar ao máximo os óbitos.

No Amapá, a sociedade se viu em completo desespero, considerando que o local tem uma população menor comparada a outros estados. A situação trouxe agravamento para todos os setores. No mesmo período do pico da Covid-19, o Amapá teve que lidar com um apagão que ocorreu em quase todos os municípios do estado, fato que gerou grande desordem na sociedade.

A falta de energia fez com que muitos mercados fechassem as portas, postos de gasolina parassem o funcionamento, o que gerou aglomeração nos lugares que permaneceram abertos. Junto com a pandemia, o apagão prejudicou o trabalho em UBSs, hospitais e outros setores da saúde.

Com isso, foi necessária a união e solidariedade de todos para que pudesse existir ajuda em meio ao caos, garantindo o pouco para aqueles que perderam tudo e ajuda para quem foi mais afetado com ambas as situações. As perdas chegaram para muitos, o medo

para todos. E nesse momento, foi essencial a presença dos meios de comunicação para esclarecer dúvidas, anunciar ajudas e informar sobre tudo que estava acontecendo no estado e no mundo.

3.1 Covid-19 no Amapá

O coronavírus já existe no mundo desde a década de 1960. A nova onda surgiu em 2019 e o primeiro caso foi registrado no dia 19 de novembro, na cidade chinesa de Wuhan. De acordo com o governo chinês, a confirmação registrada pelo Ministério da Saúde foi no dia 8 de dezembro de 2019. A doença foi nomeada como Covid-19 no dia 11 de fevereiro de 2020 pela OMS. Os casos foram se espalhando pelo mundo rapidamente até chegar ao Brasil.

Ao chegar ao território brasileiro, a doença causou grande impacto e gerou fortes conflitos. O primeiro caso foi registrado no dia 26 de fevereiro de 2020, quando um homem de 60 anos que chegou da Itália a São Paulo, foi diagnosticado com a SARS-CoV-2. Em fevereiro de 2021, após um ano desde o primeiro caso, o país registrou 10.030.626 casos confirmados e o número de mortes chegou a 243.610 brasileiros.

No estado do Amapá, a primeira confirmação da doença foi feita no dia 20 de março de 2020. O caso foi confirmado em uma mulher de 36 anos que veio de Belém para o estado do Amapá. A paciente teve contato com uma amiga que estava em São Paulo. A mulher ficou em isolamento domiciliar e seu quadro foi estável.

Em meio à situação, o governo do estado começou a pôr em prática as primeiras medidas de prevenção e combate para controlar a disseminação da doença na cidade. A partir disso, foi divulgado o decreto nº1.414/2020. “São medidas para restringir a circulação de pessoas em todo o estado, como forma de evitar o avanço do vírus”, evidenciou o governador Waldez Góes.

Desde o dia 30 de março de 2020, o Amapá passou a ter autonomia para realizar exames que detectam a Covid-19 no Laboratório Central do Amapá (Lacen). A metodologia inicial foi a de biologia molecular, com análise da amostra de escarro dos pacientes, que era a mesma utilizada pelo laboratório do Instituto Evandro Chagas (IEC), de Belém, onde eram analisadas as amostras coletadas em pessoas com suspeitas da doença no Amapá.

Para que os exames pudessem ser feitos no Lacen, o governo do Amapá contratou uma empresa para realizar a calibragem necessária no equipamento que efetuava os exames. Inicialmente, o equipamento conseguia emitir até vinte diagnósticos diários. Entretanto, a equipe do Lacen trabalhou para aumentar a capacidade de análise da máquina.

Um laboratório particular também foi contratado para dar suporte, e foi responsável pela emissão de mais vinte resultados a cada 24 horas; ou seja, a capacidade do Amapá era de quarenta diagnósticos por dia.

As primeiras análises feitas pelo Lacen foram realizadas em 29 de março, e uma delas atestou positivo. O laboratório contratado também identificou um caso positivo, o que elevou para um total de oito casos confirmados da doença em Macapá até a data mencionada, após nove dias da primeira testagem positiva da Covid.

Ainda no mês de março de 2020, como forma de alinhar e colocar em prática as medidas de segurança, senadores e deputados da bancada federal direcionaram de forma emergencial mais de 100 milhões de reais para agilizar as ações de combate ao novo coronavírus no estado. Os recursos das emendas de bancada foram direcionados para serviços de saúde e assistência social.

O até então presidente do Senado, Davi Alcolumbre, empenhou R\$ 132 milhões para serviços de atenção básica da rede pública e atendimentos de média e alta complexidade. O restante, aproximadamente R\$ 33 milhões, foi liberado pelo Ministério da Cidadania para garantir aos micros e pequenos empreendedores assistência social e aquisição de alimentos para apoio à agricultura familiar.

Em menos de um mês, o Amapá decretou o primeiro lockdown, no dia 19 de maio de 2020. No entanto, antes da nova medida entrar em vigor, uma página no Facebook publicou uma nota, no fim do mês de abril, falando sobre o possível lockdown. A notícia precisou apenas de algumas horas para ocasionar um alvoroço na capital, impactando principalmente postos de combustível e supermercados. O medo de ocorrer uma falta de alimentos e gasolina fez com que vários pontos da cidade ficassem aglomerados, aumentando a proliferação do vírus.

Durante um ano de pandemia, o estado do Amapá passou por diversos picos de contaminação, elevando o número de óbitos. Em meio a esses números, vários decretos

foram colocados em prática. Além do lockdown e medidas de distanciamento, foi necessário decretar o fechamento de bares e restaurantes, suspensão das aulas, iniciar rodízio de placas e redução de horários dos estabelecimentos, na tentativa de diminuir o número de pessoas doentes.

Exatamente um ano após o primeiro caso, no dia 20 de março de 2021, o estado registrou 91.515 casos confirmados e 1.222 óbitos nos dezesseis municípios. Em meio a todo o caos na saúde pública de todo o país, o Amapá registrou várias instabilidades como desemprego, corrida para a aquisição de alimentos, enfrentamento de fake news e apagão.

Foi perceptível que mesmo com todos os investimentos feitos para o Amapá, o Estado viveu momentos de precariedade nos hospitais, como superlotações e deficiência na assistência. A realidade vivida foi mostrada tanto dentro da região como em âmbito nacional, através de uma reportagem feita pelo jornalista Roberto Cabrini, no SBT

3.2 O Amapá no escuro

O ano de 2020 foi um período que marcou tensões dentro do estado do Amapá. A população precisou passar por muitas dificuldades para alcançar o mínimo da sua sobrevivência. Esse episódio ficará marcado na história amapaense para sempre. No dia 3 de novembro iniciou a completa falta de energia em treze dos dezesseis municípios que compõem o estado, totalizando 22 dias no escuro.

O blecaute teria acontecido por um possível incêndio na noite chuvosa de terça-feira, 3 de novembro, em uma subestação de energia elétrica pertencente à empresa privada conhecida como Isolux. A subestação citada é composta por três transformadores. O primeiro, pertencente à Linhas Macapá de Transporte e Energia (LMTE), foi atingido pelo incêndio. O segundo foi parcialmente atingido. E o terceiro, que deveria suprir a ausência dos comprometidos, estava em manutenção desde dezembro de 2019 (Figura 1).



Figura 1: Incêndio na subestação de energia em Macapá. Imagem: Internet.

Às 21h da mesma noite, o serviço de energia elétrica que alimentava os municípios de Calçoene, Cutias, Ferreira Gomes, Itaubal, Mazagão, Pedra Branca do Amapari, Porto Grande, Pracuúba, Santana, Serra do Navio, Tartarugalzinho e Macapá, através da linha Laranjal-Macapá, além das usinas hidrelétricas Coaracy Nunes e Ferreira Gomes, foi interrompido.

Durante a primeira semana em que os municípios se encontravam no escuro, a empresa se posicionou alegando que o apagão teria como causa um raio que atingiu o principal gerador de energia responsável por alimentar quase 90% do estado. Porém, a Polícia Civil divulgou laudo em 11 de novembro, descartando a hipótese do raio, deixando assim uma lacuna para a verdadeira causa do problema que atingiu centenas de famílias.



Figura 2: Polícia Civil realizando a inspeção na manhã seguinte do ocorrido. Imagem: Polícia Civil.

A partir do dia 4 de novembro começaram a surgir os problemas referentes à falta de água e luz. Parte da cidade, que é abastecida pela Companhia de Água e Esgoto do Amapá (Caesa), por poço artesiano ou por caixa-d'água, passou a ter dificuldades, já que dependiam de energia para fazer o uso constante. E por esse motivo, muitas famílias deixaram de receber o produto em suas residências e precisaram encontrar saídas para manter alimentação, higiene e serviços essenciais à sobrevivência.

Além da falta de água, nos primeiros dias do apagão a sociedade amapaense também sofreu com a ausência de serviços de telefonia celular, saques eletrônicos em bancos, compras via cartão de crédito e débito, e as bombas dos postos de gasolina pararam de funcionar. Com poucas condições, a população se viu encurralada e isso gerou um pânico geral, além da corrida aos supermercados, postos de combustíveis, mercantis, lojas de conveniências e entre outros para conseguir estocar em casa alimentos e água.



Figura 3: Fila do caixa de um supermercado local. Imagens: Rede Amazônica, reprodução.

Os estabelecimentos que possuíam geradores foram a salvação de muitos moradores, o que gerou uma grande aglomeração em pontos da cidade¹. Essa era a única forma para recarregar os aparelhos eletrônicos e se refrescar da onda de calor, que contribuiu para deixar a situação muito pior.

Durante o período inicial, o jornalismo amapaense enfrentou um desafio tremendo: levar informação para as residências através do rádio. O meio radiofônico foi a saída para

¹ Para visualizar mais imagens do apagão no Amapá, acesse: <https://drive.google.com/drive/folders/1bpBo4dwrSLx1m7UCk8hi4ZEWyPznemE?usp=sharing>.

saber o que estava acontecendo na cidade, sendo o único meio de informação, já que as emissoras e redações estavam sem energia. Nos primeiros dias, a CBN Amapá se tornou o único canal com sinal disponível, veiculando as principais informações e desmentindo notícias falsas. No decorrer dos dias, as demais rádios já estavam trabalhando na normalização dos programas.

Durante esse período, o Amapá também estava enfrentando as consequências do novo coronavírus, se tornando mais um motivo de medo e pavor por parte dos funcionários, pacientes e acompanhantes de todo o sistema de saúde do estado. Por causa disso, no decorrer dos dias foram solicitados e instalados geradores em pontos de atendimento que recebiam muitos pacientes, principalmente aqueles que se encontravam internados, tanto no setor público quanto privado da cidade.

As secretarias municipais e estaduais também foram afetadas, o trabalho contínuo realizado em cima do número de casos da Covid-19 foi afetado, pois deixaram de ser contados devido ao apagão, o que impossibilitou o envio de dados aos consórcios de imprensa e ao governo federal.

Ainda nos primeiros dias de blecaute, o ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque, e membros de setores ligados à energia elétrica desembarcaram em Macapá, tendo como propósito desenvolver estratégias para solucionar o problema do apagão. No dia 5 de novembro, foi aberta uma investigação pelo Ministério de Minas e Energia, junto à ONS e à Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) para descobrir o que pode ter motivado o incêndio.

Para amenizar o caos na cidade, foi elaborado um plano de retomada de energia, contudo, de maneira parcial, atingindo apenas 70% do estado, em sistema de racionamento com prazo de seis horas em cada bairro. A prefeitura de Macapá e o governo do estado decretaram situação de emergência por trinta e noventa dias, respectivamente.

Aos poucos, os bairros localizados nos municípios de Macapá e Santana tiveram a energia restabelecida. Esse retorno aconteceu devido à conexão da rede do Amapá ao Sistema Interligado Nacional (SIN). Dessa maneira, foi possível também a volta do sinal telefônico em muitos lugares, tornando os dias melhores.

O período do apagão também foi marcado pelas eleições municipais. Portanto, se

tornava um desafio levar o público às urnas no escuro. Por isso, o juiz Luís Roberto Barroso recebeu e atendeu um pedido do Tribunal Regional Eleitoral do Amapá (TRE-AP), que determinou o adiamento do evento na capital.

Posteriormente, o TRE-AP anunciou que nos dias 13 e 27 de dezembro ocorreriam as eleições. Porém, nove dos dez candidatos à prefeitura de Macapá organizaram um abaixo assinado para solicitar uma mudança para os dias 29 de novembro (1º turno) e 13 de dezembro (2º turno), tendo como justificativa que o período do dia 27 de dezembro se encontrava entre as datas festivas de Natal e Ano-novo. E assim, em 18 de novembro o TRE-AP divulgou as datas finais definidas para a realização das eleições em Macapá, que foram realizadas nos dias 6 e 20 de dezembro.

A imprensa amapaense estava atenta aos acontecimentos da cidade. Com o retorno gradual da eletricidade, todos os meios de comunicação puderam retornar suas atividades e a cada hora era feita a atualização sobre o futuro envolvendo a volta da energia nos treze dos dezesseis municípios do estado e as consequências que a falta de energia causava na cidade.

Entretanto, ainda sim foi possível a propagação de desinformação em diversos segmentos, entre eles: saúde, alimentação, entre outras necessidades. A partir daí, o trabalho foi feito para apresentar esclarecimentos para a população, tranquilizando sobre o que realmente acontecia.

Este estudo irá destacar justamente dois casos que ganharam uma grande repercussão. Entre eles, está uma notícia falsa que anunciava um possível lockdown no estado, o que causou inúmeros pseudoacontecimentos, sendo eles: falta de gasolina, falta de água mineral, corrida até os supermercados, deixando muitas prateleiras vazias, além da escassez de geradores. O segundo caso é uma situação referente ao suposto esgotamento de sangue no Hemoap: no momento do ocorrido, várias informações foram repassadas no WhatsApp e Instagram de que bolsas de sangue estragaram devido à falta de energia, durante o blecaute que o Amapá estava enfrentando.

Esses dois casos ganharam repercussão dentro do estado, mas foram esclarecidos por causa da inserção dos meios televisivos no assunto. Parte da população assistiu aos esclarecimentos realizados pelos meios informativos, e somente depois disso as emoções ficaram mais “tranquilas”, porém todos se mantiveram em alerta. A partir daí, a sociedade se

viu contribuindo para o esclarecimento da notícia falsa.

Porém, ao mesmo tempo em que isso ocorria na cidade, outras situações ocorriam, a crise permanecia e as pessoas não aguentavam mais a falta de luz, a escassez da água, o aumento de preço nos alimentos e, principalmente, o rodízio de energia que ocorria de forma irregular. Por isso, no dia 11 de novembro (nono dia de apagão) os amapaenses foram até as ruas para dar a sua voz sobre a situação, exigir respostas e pedir socorro através das redes sociais e da imprensa para os demais estados do país.



Figura 4: Momentos da manifestação que ocorreu em frente ao palácio do governo e se estendeu para outros pontos da cidade. Fotos: Caio Coutinho, G1.

E por um curto período, as manifestações realizadas na cidade ganharam destaque dentro das redes sociais e o Amapá ganhou visibilidade e apoio de muitas entidades e celebridades como: Whindersson Nunes, Luan Santana, Felipe Neto, Luciano Huck, Gaby Amarantos, Iza, Lulu Santos, políticos locais e nacionais e governos de outros estados. Além disso, times de futebol como o Vasco da Gama e o Corinthians foram solidários com a causa e desejaram força para os amapaenses.



Figura 5: Apresentador Luciano Huck relata o fato na rede social Twitter. Fonte: <https://twitter.com/>.

Pensando em mostrar um pouco mais do caos instalado, os usuários amapaenses relataram a situação do Amapá e conseguiram subir a hashtag #SOSAmapá no Twitter, como uma forma de chamar a atenção de autoridades para que tratassem o assunto com atenção e urgência. Todos tinham um só objetivo: buscar respostas e saídas para solucionar o problema da falta de luz nos municípios.

O governo do Pará se solidarizou com o momento enfrentado e fez a doação de cestas básicas, além de sete mil copos de água de 200 ml para os moradores dos municípios atingidos pelo apagão. A empresa Azul Linhas Aéreas Brasileiras também contribuiu com os transportes de alimentos e água para a Defesa Civil do Amapá.

Até o último dia de apagão, a solidariedade fez parte do cotidiano de muitas pessoas que residiam nos municípios afetados, muitas famílias foram ajudadas com a doação de água, gelo, alimentos, energia, remédios (quem tinha) e muitas outras situações. As instituições sociais, ONGs e também a própria população foi o que realmente fez diferença nos dias mais difíceis. Porém, com o restabelecimento parcial da energia tudo foi se ajustando novamente.



Figura 6: Ação solidária feita em uma área de periferia em Macapá. Foto: Amapá Solidário.

No dia 13 de novembro de 2020, a Companhia de Eletricidade do Amapá (CEA) anunciou que o rodízio iniciado há poucos dias deveria durar por mais de treze dias, enquanto o transformador de energia da cidade de Laranjal do Jari não chegasse a Macapá.

Por causa da grande demora no retorno da energia, alguns moradores de Macapá procuraram alternativas para fugir desse transtorno. Entre eles, esteve a grande quantidade na compra de passagens para a cidade de Afuá, no Pará. Além disso, houve também o aumento no preço de passagens aéreas, de alimentos, sobretudo o açaí. E ainda, os amapaenses tiveram que lidar com alta na conta de luz por causa da divisão de custo para a instalação de novos geradores para a retomada total da energia na cidade.

Em 16 de novembro de 2020, chegaram ao Amapá 37 geradores termoelétricos que são movidos a combustível, os mesmos foram instalados na Usina Termoelétrica de Santana e na subestação de Macapá. Porém, nada mudou, o racionamento de energia continuou, e ainda, os municípios mais distantes ainda continuavam no total escuro. A previsão para melhores dias com mudanças significativas foi postergada para depois da instalação do novo gerador de energia.

No dia 17 de novembro de 2020, aconteceu um segundo apagão total em Macapá, Mazagão, Santana e algumas cidades do interior do estado, mas tendo duração de apenas algumas horas, e dessa forma, sendo possível o reinício do sistema de racionamento de energia entre os bairros dos municípios. A CEA se manifestou justificando que o novo apagão ocorreu por causa de um curto-circuito na Usina Hidrelétrica Coaracy Nunes. Após

o conhecimento da situação de blecaute no estado, o governo federal reconheceu e decretou calamidade pública.

Na manhã do dia 21 de novembro, o Amapá recebeu a visita do presidente da República, Jair Bolsonaro, para apertar o botão que iria iniciar o funcionamento dos geradores termoeletrônicos. Durante o momento, ele foi acompanhado pelo governador Waldez Góes, pelo senador Davi Alcolumbre, pelo ministro de Minas e Meio Ambiente, Bento Albuquerque, pelo ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), general da reserva Augusto Heleno, entre outras autoridades para conhecer as subestações dos municípios de Macapá e Santana.

A visita do atual presidente não passou de uma visita simples e curta, e é relevante reconhecer e ressaltar que essa ação de chegar a Macapá e apenas apertar um botão na tentativa de se autopromover como a imagem do salvador não foi aceita muito bem pela população. Após esse “grande” evento na capital, nada mudou, a população continuou sofrendo com a falta de luz na capital e nos municípios por alguns dias.

Mas, para alegria dos amapaenses, o dia 24 de novembro marcou a retomada do fornecimento de energia de forma total nos treze municípios atingidos pelo apagão. O trabalho de manutenção foi entregue dois dias antes do prazo estipulado para a entrega completa dos serviços nas subestações. De acordo com a LMTE e o governo federal, o Amapá encerrou o blecaute com 22 dias, após regularização do segundo transformador de energia elétrica. A própria CEA anunciou durante a manhã do dia 24 o fim do racionamento.

4 ANÁLISE

A presente pesquisa tem como intuito fazer uma análise dos dois discursos que afetaram a sociedade amapaense em grande escala. O compartilhamento de desinformação gerou na sociedade um forte impacto e abriu lacunas para estudos em relação ao comportamento das pessoas na produção e consumo de informação e como um discurso pode ser interpretado. Para isso, nos baseamos na metodologia de análise do discurso, onde será utilizado como base a obra *Análise de discursos: princípios e procedimentos*, de Eni Orlandi (2005), cuja análise de discurso procura entender a linguagem de maneira que faça sentido enquanto símbolo. “[...] a análise de discurso considera que a linguagem não é

transparente. Desse modo, ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado. A questão que ela coloca é: como esse texto significa?” (ORLANDI, 2005, p. 17).

Durante a pandemia e o apagão no estado do Amapá, a sociedade se viu em um cenário de pânico, onde a fragilidade fez com que ela acreditasse em diversos conteúdos falsos sem qualquer confirmação jornalística. A nova realidade abriu portas para debater e analisar diferentes discursos que eram expressados.

Orlandi (2005, p. 59) relaciona o discurso com a realidade da sociedade, afirmando que a análise do discurso “não procura o sentido ‘verdadeiro’, mas o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica”.

Dessa forma, nessa etapa tentaremos compreender como o caos instaurado no estado facilitou para que a sociedade acreditasse nas desinformações publicadas nas redes sociais e como influenciou no discurso feito pela população, observando o trabalho jornalístico para desmistificar essas desinformações.

4.1 Falso lockdown em Macapá

A era digital apresentou grandes possibilidades de expansão para a produção de notícias, se refletindo na acessibilidade, “em que a informação se prolifera e circula em uma quantidade e velocidade vultosas” (BRISOLA; ROMEIRO, 2018, p. 3). Contudo, essa transformação oferece a possibilidade para todos se tornarem produtores, apresentando um risco para a veracidade e credibilidade dos jornalistas.

A internet tornou possível que qualquer cidadão exerça os papéis de criador e disseminador de conteúdos e também amplificou, em grandes escalas, o espalhamento das famosas fake news criadas por agentes públicos e autoridades. Portanto, o ambiente digital confere nova potência às fake news (TEIXEIRA, 2018 apud FALCÃO; SOUZA, 2021).

De acordo com Ripoll e Matos (2017), constantemente as pessoas estão sendo bombardeadas com uma grande quantidade de informações, resultando em um indivíduo que não consegue interpretar e refletir sobre essa grande carga informacional que encontra durante o seu cotidiano.

E através disso, considerando a realidade dessa alta produção, surgem espaços para a distorção das informações que alastram problemas em todo mundo. No Amapá, durante a pandemia e o apagão, muitos internautas com o desejo do furo jornalístico, mesmo não possuindo nenhum conhecimento técnico, acabaram causando grandes problemas por publicações de conteúdo falso.

Em abril de 2020, na rede social Facebook, uma página intitulada como *Notícias AP* utilizava a plataforma para repassar aos seus seguidores informações referentes aos acontecimentos do estado do Amapá. A mesma publicou uma fotografia em que mostrava a cidade de Macapá, de forma panorâmica, com uma legenda afirmando que os poderes municipais da capital, Macapá, poderiam determinar a medida de confinamento chamada lockdown (maior restrição contra a Covid-19, que passa a fechar atividades não essenciais e restringir a circulação das pessoas na cidade).

A publicação foi realizada após a circulação de áudios na rede social de mensagens instantâneas WhatsApp, e a partir disso, passou a receber uma grande atenção da população. Dessa maneira, o gestor desconhecido apoiado no anonimato acabou se antecipando e postou a informação na rede sem a devida checagem com as autoridades responsáveis. Em poucas horas, a postagem recebeu diversos comentários, curtidas e compartilhamentos, demonstrando um alto alcance entre os usuários da plataforma.



Figura 7: “Notícia” falsa circulando em uma rede social. Fonte: Facebook.

Nesse período, o Amapá enfrentava o início de uma grande crise na saúde pública causada pela pandemia do novo coronavírus. A população estava dividida entre as pessoas que acreditavam no vírus e tinham o conhecimento de prevenção, e outras que não acreditavam na existência da doença e não utilizavam nenhuma medida de prevenção. Além disso, a população se encontrava assustada por não ter o conhecimento real da situação do estado e da circulação do vírus.

A intencionalidade do discurso produzido no post causou um impacto em virtude da fragilidade já existente na esfera social. O pânico, o medo e a ansiedade eram sentimentos presentes. De acordo com Eni Orlandi (2005, p. 15), um discurso sempre irá criar a linguagem como mediação entre o homem e uma realidade social; “essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive”.

Diante da situação vivenciada, o discurso feito em uma plataforma digital causou essa transformação da realidade, onde as pessoas passaram a acreditar em uma possível chance de a cidade de Macapá ter falta de alimentos, gasolina e insumos para a saúde. Ao compartilhar a mensagem, a sociedade gerou tumulto tanto para aglomeração como para a investigação da verdade.

Giddens (2002, p. 32) afirma: “ao formar (e transformar) a sociedade, a mídia influencia também os sujeitos. Ao trazer os eventos, a mídia proporciona que eles, mesmo sendo exteriores ao indivíduo, infiltrem-se nas atividades do seu cotidiano”. A facilidade em manipular a população proporcionou efeitos fatais, que foram contra as medidas sanitárias de proteção contra a Covid-19.

A imagem da cidade (Figura 7) atingiu principalmente os habitantes que residem na capital, e utilizar termos chamativos na legenda, tecnicamente falando seria o termo da figura de linguagem conhecido como hipérbole, a palavra como “urgente”, demonstra o quanto as famílias seriam prejudicadas, fazendo referência à falta de alimento, água e outros produtos essenciais à sobrevivência. As palavras nessas circunstâncias ganharam um grande peso, a escolha dos termos acabou despertando sentimentos incontrolláveis, dando base para pseudoacontecimentos, colocando em risco toda a população.

Entre esses, estavam a corrida aos supermercados da cidade. Por onde se passava era possível encontrar grandes filas nos supermercados, o que causou o início da falta de alguns alimentos, por causa da estocagem de comida feita por parte da população. Era possível

também acompanhar filas quilométricas em postos de gasolina na cidade, sendo que alguns postos ainda sofreram com a falta de gasolina pela alta procura, e além disso, em pontos da cidade era possível identificar a aglomeração das pessoas em busca de informações verdadeiras.

Apesar da falsa notícia (Figura 7) apresentar palavras como “pode”, “ainda” e “extraoficial”, demonstrando ser uma informação baseada somente na ansiedade do momento, a princípio não confirmada por nenhum órgão ou outro veículo de mídia, o público que acompanhava a página se apropriou somente das palavras com significados mais fortes, que podemos definir como hipérbole: “lockdown”, “fechamento total”, “confinada” e “medida extrema”, aumentando ainda mais os sentimentos de insegurança. As pessoas impactadas pelo enunciado acabaram construindo uma ideia real sobre o fato, mesmo que não confirmado pelas autoridades, isso resultou no repasse das informações vinculadas ao discurso.

“Em todo ato de fala, a atividade mental subjetiva se dissolve no fato objetivo da enunciação realizada, enquanto que a palavra enunciada se subjetiva no ato de decodificação que deve, cedo ou tarde, provocar uma codificação em forma de réplica” (BAKHTIN, 2006, p. 66).

Desse modo, é direcionado um valor social, partindo do público que acredita fielmente em publicações divulgadas somente pelas redes sociais, transmitindo e transformando o fato em uma informação verídica para quem lê, em razão do grande compartilhamento. Como Foucault (1996, p. 49) expressa: “O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos”.

Devido a isso, muitas pessoas que acompanhavam o caos na cidade começaram a indagar sobre a veracidade dos fatos aos órgãos públicos, que não tinham se pronunciado. No primeiro momento, utilizando as mídias sociais, a prefeitura de Macapá e o estado do Amapá postaram publicações em que apresentavam esclarecimentos sobre o caso, tentando propagar a paz entre as pessoas, afirmando que não haveria nenhum lockdown na cidade (Figuras 8, 9 e 10).



Figura 8: Publicação feita pela prefeitura de Macapá em suas redes sociais.

Fonte: Página da Prefeitura de Macapá no Facebook.

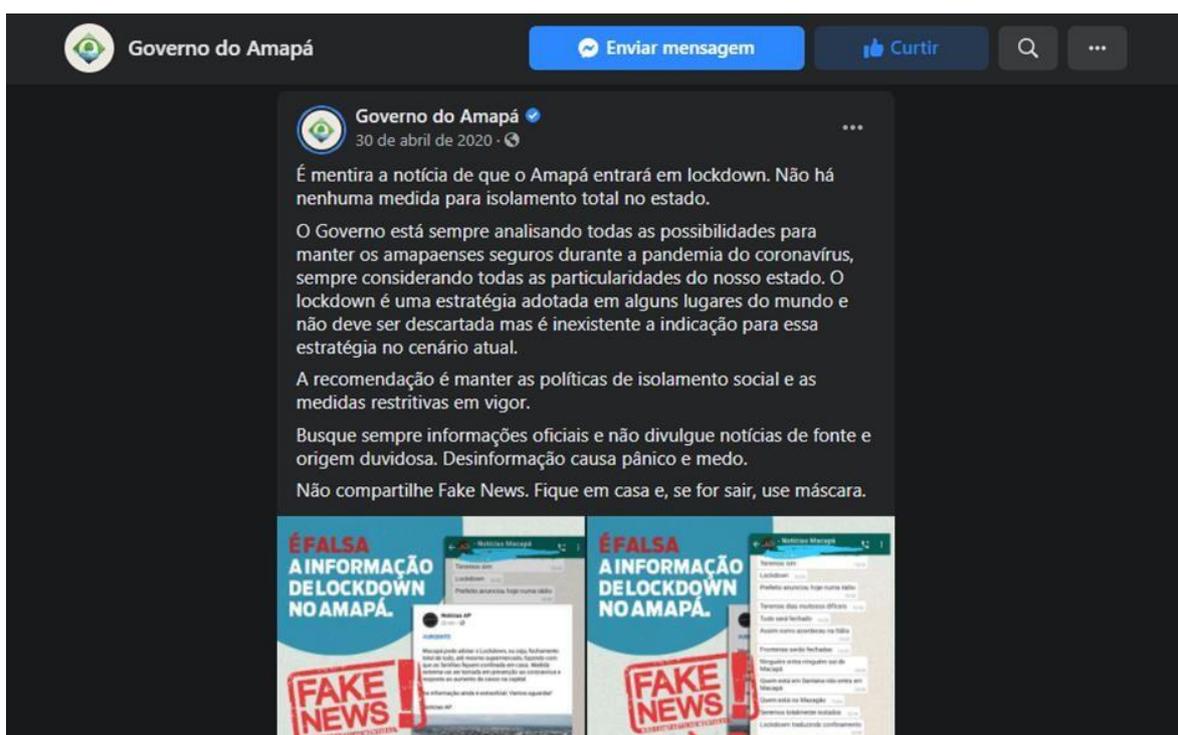


Figura 9: Publicação feita pelo governo do estado do Amapá em suas redes sociais.

Fonte: Página do Governo do Amapá no Facebook.



Figura 10: Publicação feita pelo governo do estado do Amapá em suas redes sociais, ampliada para leitura.

Além disso, muitos veículos de comunicação também se manifestaram, com o intuito de tranquilizar as pessoas que estavam acompanhando o momento e não sabiam em quem acreditar. A partir desse momento, a imprensa, junto aos órgãos públicos, realizou um trabalho para levar informação a todos que não tinham acesso à internet, mas que estavam cientes de que estaria “acontecendo” um lockdown nas próximas horas do dia.

Houve muitos meios de comunicação presente na cobertura deste esclarecimento. Mas por conta das autoras estarem envolvidas profissionalmente em emissoras de TV, foi escolhido apenas o recorte da live realizada pela TV Record para estar presente na análise deste caso, já que estavam dedicadas na produção desta pauta.

A TV Equinócio, afiliada da TV Record no Amapá, agiu de forma rápida ao acontecimento e garantiu uma entrevista ao vivo com o prefeito da época, Clécio Luís, no programa de meio-dia da emissora, “Balanço Geral”, apresentado pelo jornalista Luís Eduardo (Figura 11).

Nesse momento, a emissora de televisão transmitia tanto ao vivo pela televisão em horário nobre, quanto pela internet em tempo real. Clécio Luís, em seu pronunciamento, deixou claro que não haveria, a princípio, nenhum lockdown, e o que estaria circulando nas redes sociais não passava de uma notícia falsa, definindo o fato como desinformação. De acordo com Volkoff (2004 apud ZATTAR, 2020, p. 5) a definição do termo desinformação é o “vazamento proposital de informações enganosas”.



Figura 11: Live produzida pela TV Equinócio no dia da propagação da fake news. Fonte: Página da TV Equinócio no Facebook.

Durante todo o momento da entrevista do prefeito, os internautas questionaram sobre a informação de um possível lockdown. Acompanhando os comentários feitos durante a live, é possível perceber a preocupação e o anseio das pessoas sobre essa falsa informação, mas também a tranquilidade em perceber que a notícia não passou de uma mentira.

A partir disso, percebemos que a notícia vinculada a uma página pertencente à rede social Facebook se tratava de uma informação inverídica. É possível identificar que o gestor, produtor principal da página, articulou apenas técnicas de poder, utilizando palavras fortes, para enunciar uma verdade que foi discursivamente moldada.

E os comentários do recorte da publicação analisada nessa pesquisa não foram apresentadas, por conta do desligamento da conta na rede social, dessa maneira, tornando inviável a visualização dos testemunhos.

4.2 O esgotamento de sangue no Hemoap

Durante o apagão no estado do Amapá, que ocorreu no dia 3 de novembro de 2020, muitas pessoas foram afetadas de diversas maneiras, tanto financeiramente quanto fisicamente e psicologicamente. As diferentes reações da população provocaram formas variadas de protestar, se impor e até mesmo de expressar medos e angústias.

Durante esse período foi possível relatar uma disseminação de informação de forma instantânea a todo momento. Com o caos instalado pela pandemia, o consumo dos meios de comunicação aumentou e a produção de notícias também. Giannasi (1999, p. 24) afirma que:

Computadores e tecnologia de informação proveem uma infraestrutura que possibilita o processamento e a distribuição da informação, permitindo o seu manuseio numa escala sem precedentes históricos, facilitando as relações de comércio instantâneo e em tempo real num estágio global. Tem sido excepcionalmente rápido o crescimento do setor comercial da informação na economia, ressaltando o crescimento explosivo de serviços, tais como os meios de comunicação de massa (transmissão por satélite, cabo, vídeo) e as bases de dados on-line.

Apesar de o avanço das tecnologias terem sido de suma importância para o desenvolvimento da sociedade, durante a pandemia da Covid-19 foi visível o descontrole das pessoas ao usarem essa ferramenta tanto no consumo como na propagação de informação. A pandemia da Covid-19 juntamente com o apagão no Amapá são exemplos de como um cenário de desespero afeta o comportamento do ser humano e sua visão sobre o mundo e até mesmo no que se deve acreditar ou não.

Segundo Jörn Rüsen (2015), as pessoas buscam suas carências e orientações através de fontes que são capazes de responder suas inquietações e seus sofrimentos; ou seja, em uma situação de desespero é mais fácil uma pessoa aceitar determinadas informações sem ao menos questionar sua veracidade.



Figura 12: Print compartilhado no WhatsApp. Fonte: Arquivo pessoal.

Para analisar a falsa informação sobre bolsas de sangue estragadas do Instituto de Hematologia e Hemoterapia do Amapá, utilizamos o print de uma postagem na rede social Instagram, onde uma pessoa respondeu sobre a situação mencionada.

Inicialmente, na primeira leitura feita do texto já é perceptível lidar com um enunciado que mostra um problema social que impulsiona as pessoas pertencentes a essa realidade a expressarem seus ideais. “O discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio etc.” (BAKHTIN, 1995, p. 123).

É fato que discursos produzidos através de postagens, imagens e sons são realizados em condições específicas onde se estabelece comunicação entre pessoas ou coisas e veiculação ideológica. Segundo Orlandi (2005), o discurso não pertence a uma pessoa em particular, mas sim a uma realidade social, uma história: “O que é dito em outros lugares também significa nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele”.

Para entendermos a análise de discurso é necessário compreender o funcionamento da sociedade e seu comportamento diante de um fato e as respectivas relações sociais. Orlandi (2005) faz entender que existe uma escala de propósitos que levam à produção de um discurso, desde aquilo que é mais evidente aos que são mais subentendidos dentro de um texto ou imagem.

Nesse sentido é importante ficar atento não só ao fato de que a notícia falsa analisada foi feita em um período pandêmico juntamente com um apagão, mas ao que leva as pessoas em seu comportamento a compartilharem informações sem checar sua veracidade.

O texto da postagem é predominantemente do gênero opinativo, onde o autor tem o objetivo de impactar e levar o leitor a fazer uma reflexão sobre as dificuldades enfrentadas pela sociedade. O conteúdo escrito em primeira pessoa, onde a palavra “eu” é mencionada duas vezes, mostra a opinião explícita do autor. Isso confirma o que Orlandi (2005, p. 41) aponta acerca de como a ideologia presente no discurso constitui o sujeito e os sentidos: “A ideologia não é ocultação, mas função da relação necessária e entre linguagem e mundo”.

Ao ler a mensagem, logo se percebe que a escrita se trata de um meio do amapaense de expressar uma realidade de caos na saúde pública que causa nos moradores medo e desespero, como é citado na própria fala do internauta “[...] eu já chorei tanto calada sozinha aqui no hospital [...]” e “eu tô desesperada” (Figura 12).

A escrita mostra que antes de verificar se a informação da falta de sangue no Hemoap é verdadeira, o medo impulsionou a postagem de forma antecipada. Em um congresso no ano de 1997, o senador americano Hiram Johnson afirmou: “[...] quando uma guerra começa, a primeira vítima é a verdade” (TEIXEIRA, 2018, p. 38).

Fairclough (2003, p. 124) fala que a realidade vivida e os diferentes discursos guiam para olhares distintos sobre o mundo e essas diferenças são percebidas nas relações que existem entre as pessoas. De acordo com Orlandi (2005), a interpretação dos fatos não é livre de determinações, uma realidade vivida na sociedade pode contribuir inteiramente na forma de interpretar as mensagens.

Segundo Fairclough, no momento da representação do discurso o autor pode ou não incluir atores. Em relação ao print da mensagem sobre o sangue no Hemoap, os atores utilizados foram os bebês. No trecho “bebes precisando de ajuda humana 24 horas por dia para não morrer sem oxigênio” (Figura 12), é perceptível que essas crianças estavam sofrendo uma consequência direta da realidade de dentro dos hospitais, logo são atores passivos dentro do texto.

Em relação à interdiscursividade, podemos afirmar que o discurso feito tem forte ligação com outros que foram publicados na mesma época. Muitas pessoas compartilhavam da mesma imaginação e sentimentos e acabaram se expressando nas redes sociais.

O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Não “brota” do nada: assenta-se no modo como as relações se inscrevem na história e são redigidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder (ORLANDI, 2005. p. 37).

Por conhecer a realidade do país e do estado, a sociedade se viu em uma situação de imaginar que o pior poderia acontecer, e que os problemas enfrentados dificilmente seriam solucionados pelos líderes políticos, o que gerou insegurança.

Palavras como medo, insegurança, desespero, não são colocadas dentro do discurso, mas é perceptível essas reações. Podemos concluir então que os fatos que rodeiam

a população amapaense durante a pandemia e o apagão afetaram de forma direta o comportamento das pessoas e como elas reagem diante da produção e compartilhamento de informações.

Durante esse período foi necessária uma grande atenção dos meios de comunicação para esclarecer os fatos que estavam permeando a sociedade amapaense. Em relação ao falso problema no estoque de sangue do Hemoap, o site *Diário do Amapá* publicou no dia 17 de novembro uma matéria esclarecendo a situação do Instituto de Hematologia e Hemoterapia diante do apagão (Figura 13).



Figura 13: Matéria publicada no site *Diário do Amapá* que afirma que não houve sangue perdido durante apagão. Fonte: <https://www.diariodoamapa.com.br/cadernos/cidades/hemoap-recebe-140-bolsas-de-sangue-do-hemocentro-do-para/>

No texto, o autor esclarece que o Hemoap realmente estava precisando de doação de sangue devido à baixa do estoque. O ambiente ficou 96 horas sem realizar coleta desde o apagão, o que prejudicou as pessoas que necessitavam do sangue durante aquele tempo. Por esse motivo, foi realizada a campanha “SOS Amapá”, onde institutos de hematologia de vários estados se mobilizaram para enviar sangue para o Amapá, como Brasília e o Pará.

Durante todo o texto jornalístico é esclarecido que todas as providências foram tomadas diante da situação. A diretora técnica do Hemoap afirma que não houve perda de sangue ou qualquer outro medicamento e equipamentos (Figura 14).



Figura 14: Segunda parte da matéria publicada no site *Diário do Amapá* Fonte:

<https://www.diariodoamapa.com.br/cadernos/cidades/hemoap-recebe-140-bolsas-de-sangue-do-hemocentro-do-para/>

Diante do caos ocorrido no estado do Amapá com a falta da energia, é importante mencionarmos juntamente com o trabalho jornalístico como foi transmitido para o resto do Brasil o que estava ocorrendo na região. Ao debatermos fake news e desinformação, podemos debater mais um questionamento: o que ocorreu foi um apagão ou crime energético?

É de extrema necessidade deixar claro que as circunstâncias que causam um apagão podem ser naturais. No entanto, as empresas responsáveis pelas linhas de energia no Amapá se encontravam em um estado de omissão de como estava a real situação dos transformadores de energia, que só foram descobertos após a tragédia.

Nesse sentido, usar o termo apagão como desinformação seria correto, já que existiam pessoas cientes de que poderiam ocorrer sérios problemas energéticos no estado devido à falta de fiscalização nos materiais responsáveis pela transmissão de energia? Os grandes meios jornalísticos do Brasil buscaram em todo o momento esclarecer as causas prováveis de um possível crime energético, acompanhando cada passo das investigações que foram iniciadas.

Após alguns dias de apagão, a Polícia Federal juntamente com o Ministério Público iniciaram a operação "Blackout", para apurar a falta de medidas preventivas por parte dos responsáveis pelo fornecimento de energia. Vale ressaltar que em meio aos relatórios internos encontrados, existiam registros de que havia chances de ocorrer um apagão devido ao superaquecimento da subestação.

Foram indiciados, em julho de 2021, três diretores da empresa LMTE pelos crimes de atentar contra o funcionamento de serviço de luz, de água, força, ou qualquer outra segurança de utilidade pública.

Eventos como esse acontecem e o jornalismo se torna a principal arma para que a informação chegue de maneira verdadeira e clara para a população. Nesse caso, muitas pessoas na época buscavam justiça, por conta de todas as dificuldades enfrentadas no dia a dia quando o crime ocorreu, e hoje, conseguimos visualizar as notícias do âmbito jurídico de como estão as tratativas do crime que atingiu mais da metade de um estado.

E dessa maneira, é possível observar o quanto o papel do jornalismo é importante. Se não houvesse produção, acompanhamento, checagem dos fatos e, por fim, a construção das notícias, todo o Amapá estaria suscetível a passar mais uma vez por um crime, podendo ser energético, hidráulico ou qualquer outro que afetasse um estado.

O jornalismo, como se sabe, está em constante expansão, e a população consegue perceber e automaticamente estar presente nesse momento. E por isso, ambos estão em alerta, buscando maneiras para saber o que está acontecendo para participar e defender os direitos e deveres do cidadão.

Os dois casos de desinformação, tanto do falso lockdown e a falta de sangue no Hemoap utilizaram a internet como campo de compartilhamento das informações. Com isso, é importante fazer uma análise de como determinado discurso pode afetar um grupo dependendo de onde ele é anunciado. Foucault (1996) trata o discurso como algo que não pode ser falado em qualquer circunstância e que não se tem o direito de falar tudo além disso; ele cita que:

Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1996, pp. 8-9).

No entanto, é possível perceber principalmente na sociedade brasileira que com a evolução da comunicação as pessoas passaram a apenas de consumidores de informação para produtores. O fácil acesso às mídias fez com que muitas pessoas pudessem compartilhar aquilo que pensam, acreditam e acham que é o correto. Quando na verdade não

se tem um filtro que possa medir as palavras e as consequências que determinado discurso pode trazer para uma sociedade.

Nos dois casos de fake news apresentados, é possível distinguir a reação do público. No caso do falso lockdown, o que contou foram relações e estruturas do mundo material. Para muitos, a primeira reação foi garantir mantimentos para estocagem, outros primaram pelo “mundo mental” dos pensamentos, realizando uma checagem com fontes confiáveis ou profissionais de imprensa para confirmar se a informação era verdadeira. Assim, é possível compreender que cada um em sua realidade individual recebeu e reproduziu discursos diferentes de uma mesma situação.

Em relação ao caso do Hemoap, o público impactado pela falsa informação recorreu aos sentimentos, crenças e ao mundo social, devido ao receio de ter vidas perdidas por falta de sangue no estado. Dessa forma, resultou em um alto número de compartilhamento através das redes sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a problemática central da monografia em questão, o trabalho buscou compreender as motivações para a propagação da desinformação, já que as pessoas foram mantidas informadas em ambos os períodos pelos meios de comunicação amapaense. Durante as pesquisas, foi possível perceber que essa produção de informações distorcidas já existe desde muitos anos atrás, e se perpetuou durante o tempo.

Porém, com a chegada do coronavírus e do apagão no Amapá, a abertura para a grande produção e compartilhamento de desinformação esteve bastante ligada a alguns motivos, sendo eles psicológicos, atrelados aos sentimentos de medo, pânico, preocupação e ansiedade, além do contexto sociopolítico-cultural daquele momento em questão vivido no estado.

Durante a discussão do trabalho, foram demonstrados os efeitos que os dois casos de desinformação causaram. É inegável a força dos produtores em ressignificar e manipular o sentido das informações, justamente pela utilização da distorção, com palavras em um sentido exagerado. Os mesmos podem gerar uma cascata de compartilhamento em um curto período de tempo com uma velocidade enorme nas redes sociais.

As plataformas do Facebook e do Instagram, e as redes sociais como um todo, contribuíram para a chegada de uma nova era, a da pós-verdade, em que a desinformação pode se tornar normal para as pessoas. Na tentativa de deixar esse argumento claro, é possível retratar um exemplo dos tempos de hoje, quando um usuário X divulga um discurso sobre determinado fato, mesmo sem a devida checagem, aquele conteúdo chegará de qualquer forma a sua rede de amigos, que podem concordar com aquele pensamento, culminando no compartilhamento.

Ao debater sobre isso, reconhecemos um novo conceito que pode ser tranquilamente inserido dentro desta pesquisa, o de infodemia. De acordo com Ferreira, Lima e Souza (2021), o termo remete à ideia de excesso de informações, na prática, eles relacionam que as informações falsas compartilhadas de maneira consciente, geram o crescimento de fake news e as fake news cooperam para infodemia. Nesse caso, seria a epidemia de fake news que ocorreu durante os dois casos estudados nesta pesquisa. Sem dúvidas, esse conceito deve ser apenas uma porta para novas descobertas, principalmente para aqueles que se dedicam a estudar sobre o tema.

Nesse sentido, seguindo a teoria dos autores debatidos durante a pesquisa, podemos afirmar a hipótese de que a situação de emergência na área da saúde fez com que a sociedade entrasse em um estado de desespero, contribuindo para a vulnerabilidade da população em não reconhecer as desinformações propagadas.

Como muitas pessoas dividem um mesmo pensamento sobre o que poderia acontecer, acabaram compartilhando informações equivocadas sem sequer ter interesse em verificar a veracidade. Por não existir nenhum controle, essa atitude pode ser repetida inúmeras vezes, chegando cada vez mais longe.

E o jornalismo, fica aonde nisso? Durante as pesquisas para esclarecer os fatos estudados, foi possível reconhecer os profissionais dedicando o seu tempo e o seu profissionalismo em realizar a cobertura mais completa do coronavírus e do apagão que atingiu treze dos dezesseis municípios do estado, dentro dos limites humanos. Foi possível perceber que a todo momento o jornalismo trabalhou também para desmentir informações falsas e passar a tranquilidade para a população, mesmo tendo ciência das dificuldades do momento.

É de extrema importância reconhecer que hoje os meios de comunicação, principalmente os jornalísticos, estão voltados a reformular termos que se tornaram populares, porém possuem um significado contraditório ao que deve ser passado para a sociedade. Um grande exemplo disso é o Tribunal Superior Eleitoral, que neste ano de eleições as propagandas passadas na televisão já usam o termo desinformação, e não fake news, para se referir aos conteúdos equivocados que são propagados nas mídias sociais.

No entanto, não podemos deixar de destacar como o jornalismo foi pautado pelas mídias sociais durante ambos os períodos, ao mesmo tempo que a internet era uma aliada, ela também era seu principal inimigo na hora de produzir e divulgar informações para a sociedade.

Atualmente, as pessoas que detêm o poder da influência, seja em perfis pessoais ou profissionais, conseguem estabelecer o que é verdade ou não. A maioria dos cidadãos não se preocupa com o que é real ou imaginário, mas sim com o que querem aceitar como verdade. Isso coloca um desafio constante para a profissão, para que se possa estimular dentro da sociedade novos hábitos e o interesse de buscar o conhecimento e a verdade dos fatos.

De maneira geral, os acontecimentos que ocorreram no estado do Amapá, atrelados à

saúde, educação e ao governo, e, principalmente, a falta de transparência do governo para o cidadão, foram fortes motivos para aumentar a propagação e produção de desinformação. No entanto, o jornalismo está sempre presente para esclarecer a verdade, garantindo uma notícia segura.

Para que exista uma mudança, é necessário que os temas desinformação, produção de conteúdo, apuração, entre outros, estejam constantemente em debates em forma de investimento em campanhas educacionais e de conscientização, juntas, vinculadas aos meios de comunicação e dentro das escolas, já que as crianças de hoje serão os adultos de amanhã. É necessário também que os profissionais que hoje estão entrando no mercado de trabalho e nas pesquisas científicas estejam atentos e comprometidos para produzir discursos e notícias de forma ética e comprometidos com a deontologia da profissão.

REFERÊNCIAS

ADALI, Sibel; HORNE, Benjamin D. **This just in:** fake news packs a lot in title, uses simpler, repetitive content in text body, more similar to satire than real news. *In: Eleventh International AAAI Conference on Web and Social Media*. New York, 2017. Disponível em: <https://www.aaai.org/ocs/index.php/ICWSM/ICWSM17/paper/view/15772/14898>. Acesso em: 10 nov. 2021.

ALSINA, Miquel Rodrigo; SILVA, Laerte José Cerqueira da. Ética e jornalismo na era da pós-verdade. **Observatório**, Palmas, v. 4, n. 3, p. 726-758, 2018.

ARAL, Sinan; ROY, Deb; VOSOUGHI, Soroush. **The spread of true and false news online**. Massachusetts: MIT, 2017. Disponível em: <http://ide.mit.edu/sites/default/files/publications/2017%20IDE%20Research%20Brief%20False%20News.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRISOLA, Anna Cristina; BEZERRA, Arthur Coelho. Desinformação e circulação de fake news: distinções, diagnóstico e reação. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 19, 2018, Londrina. Anais [...]. Londrina: UEL, 2018, p.3316-3330. Disponível em: http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIX_ENANCIB/xixenancib/paper/view/1219/1636. Acesso em: 4 nov 2021.

BRISOLA, Anna Cristina; ROMEIRO, Nathália Lima. A competência crítica em informação como resistência: uma análise sobre o uso da informação na atualidade. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 14, n. 3, p. 68-87, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/100164>. Acesso em: 4 set. 2021.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. A preocupação com a ética: tradição e futuro. **Jornalismo em Perspectiva**, Florianópolis, p. 219-231, 2007. Disponível: https://monitorando.files.wordpress.com/2007/11/preocupacao_etica.pdf. Acesso em: 26 jan. 2021.

CORNU, Daniel. **Jornalismo e verdade:** para uma ética da informação. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

CORRÊA, Elizabeth Saad. O direito à informação e o dever de informar. **Novos Olhares**, [S. l.], n. 8, p. 35-44, 2001. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/51358>. Acesso em: 27 jan. 2021.

CORTELLA, Mário Sérgio. **Qual é a tua obra?** Inquietações, propositivas sobre gestão, liderança e ética. Petrópolis: Vozes, 2009.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse:** textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

FALCÃO, Paula; SOUZA, Aline Batista de. Pandemia de desinformação: as fake news no contexto da Covid-19 no Brasil. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação &**

Inovação em Saúde, [S. l.], v. 15, n. 1, 2021. Disponível em: <https://www.reciis.iciict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2219>. Acesso em: 15 nov. 2021.

FENAJ. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**, 2007. Disponível em: http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros..pdf. Acesso em: 21 jan. 2021.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Dora Luzzatto, 2007.

FERREIRA, João Rodrigo Santos; LIMA, Paulo Ricardo Silva; SOUZA, Edivânio Duarte de. Desinformação, infodemia e caos social: impactos negativos das fake news no cenário da COVID-19. Em *Questão*, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 30-58, jan./mar. 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/102195/59076>. Acesso em: 4 nov. 2022.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FRANCISCO, Severino. **Sociedade da desinformação**. Brasília, DF: Unesco, 2004. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001540/154058por.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

FRIAS FILHO, Otavio. O que é falso sobre fake news. **Revista USP**, São Paulo, n. 116, p. 39-44, 2018.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOMES, Pedro Gilberto. A ética e os meios comunicação social. **Encontros Teológicos**, v. 35, n. 2, p. 86-106, 2020.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

_____. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. 13. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2009.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos: jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

OLIVEIRA, Ivan; SAAR, Cláudia; SHEIBE, Roberta. **Introdução ao jornalismo**. Macapá: Idealle, 2013.

OLIVEIRA, Jorge Nuno. **Manual de jornalismo de televisão**. [S. l.: s. n.], 2007. Disponível em: <http://opac.iefp.pt:8080/images/winlibimg.aspx?skey=&doc=73220&img=458>. Acesso em: 20 nov. 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.

PRIMO, Alex. Transformações no jornalismo em rede: sobre pessoas comuns, jornalistas e organizações, blogs, Twitter, Facebook e Flipboard. **Intexto**, Porto Alegre, v. 2, n. 25, p. 130-146, 2011.

RIPOLL, Leonardo; MATOS, José Cláudio. Zumbificação da informação: a desinformação e o caos informacional. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, p. 2334-2349, 2017. Disponível em: <http://www.Brapci.inf.br/v/a/29256>. Acesso em: 5 set. 2020.

RÜSEN, Jörn. **Humanismo e didática da história**. Tradução de Maria Auxiliadora Schmidt. Curitiba: W.A. Editores, 2015.

SILVA, Leila Morás; LUCE, Bruno; SILVA FILHO, Rubens da Costa. Impacto da pós-verdade em fontes de informação para a saúde. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, Fortaleza, v. 13, p. 271-287, 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/892/665>. Acesso em: 20 dez. 2021.

SILVA, Monalice Nogueira da; COSTA, Júlia Calado Brito. Fake news: debate sobre a ética na produção de notícias diante do caso “falso restaurante de Londres”. In: ANDRADE, Elisângela Lima de *et al.* (org.). **Nativos digitais**: como a geração Z reflete a comunicação contemporânea. Macapá: Unifap, 2019. Disponível em: <https://www2.unifap.br/editora/files/2019/06/nativos-digitais.pdf>. Acesso constantemente constantemente constantemente constantemente constantemente em: 20 nov. 2021. pp. 60-70.

SILVA, Sofia; BELOCHIO, Vivian. **Jornalismo e a apropriação dos sites de redes sociais**: primeiras reflexões sobre as implicações nos critérios de noticiabilidade. Santa Maria, 2013. Disponível em: https://www.ufsm.br/cursos/pos-graduacao/santa-maria/poscom/wp-content/uploads/sites/513/2019/05/Sofia_Silva.pdf. Acesso em: 20 nov. 2021.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. Configurações políticas. In: SILVA, G. *et al.* **Jornalismo Contemporâneo**: figurações, impasses e perspectivas. Salvador: UFBA, 2011. p. 12-32.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information disorder**: toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Estrasburgo: Council of Europe, 2017. Disponível em <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-researc/168076277c>. Acesso em: 15 set. 2022.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 4. ed. Lisboa: Presença, 1995.

_____. **Teorias da comunicação**. 5. ed. Lisboa: Presença, 2003.

_____. **Teorias da comunicação**. 8. ed. Lisboa: Presença, 2006.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulinas, 2011.